



**Mestrado em Turismo com especialização em Turismo e  
Animação**

**A Páscoa em Castelo de Vide: do  
fenómeno sociocultural ao produto  
turístico**

Autora: Susana Cristina Dionísio Machado

Orientador: Professor Doutor Domingos José Caldeira Almeida Bucho

Janeiro de 2013

## **A Páscoa em Castelo de Vide: do fenómeno sociocultural ao produto turístico**

Dissertação apresentada à Universidade de Évora para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Turismo com a especialização em Turismo e Animação, realizada sob a orientação científica do Prof. Doutor Domingos Bucho.

*“Estância de repouso, estância de turismo, Castelo de Vide moça garrida do  
Alto Alentejo, exuberante de seivas, mostrando o seu casario branco de  
neve, ao sol de Deus e estendo-se num tapete de verduras com gracilidade  
de uma deusa pagã, na colina em que assenta”.*

Mateus da Cruz Maniés (1935)

## **Índice Geral**

<b>Agradecimentos</b>	<b>6</b>
<b>Resumo</b>	<b>7</b>
<b>Abstract</b>	<b>8</b>
<b>Lista de Abreviaturas</b>	<b>9</b>
<b>Introdução</b>	<b>10</b>
<b>1. Enquadramento teórico</b>	<b>13</b>
1.1. Breve resenha histórica sobre o crescimento do turismo	13
1.2. Os conceitos de turismo, turismo cultural, património cultural e produto turístico	18
1.3. O turismo cultural na actualidade	22
1.4. O valor patrimonial da autenticidade	24
1.5. O património imaterial, suas características e enquadramento ao nível da UNESCO e do ICOMOS	25
1.6. A compatibilização entre cultura e turismo	26
1.7. A atractividade turística e a gestão e planeamento das atracções do património cultural	28
<b>2. Metodologia</b>	<b>32</b>
2.1. Características do estudo	32
2.2. Unidades de análise	32
2.3. Objectivos do estudo	32
2.4. Hipóteses	33
2.5. Métodos e técnicas	33
<b>3. Estudo crítica da evolução histórica da Páscoa de Castelo de Vide</b>	<b>36</b>
3.1. O concelho de Castelo de Vide	36
3.1.1. O alojamento no concelho de Castelo de Vide	38
3.1.2. Estatísticas relativas ao posto de turismo de Castelo de Vide	40



3.2. História da Páscoa	44
3.3. A Páscoa de Castelo de Vide comparação entre a sua constituição até aos Anos 50 do século passado e a actualidade	49
3.3.1. A Páscoa em Castelo de Vide	49
3.3.1.1. Quaresma e Semana Santa	50
3.3.1.2. Domingo de Ramos	53
3.3.1.3. Quarta-feira de Trevas	58
3.3.1.4. Quinta-feira de Endoenças e Quinta-feira Maior	59
3.3.1.5. Sexta-feira da Paixão	60
3.3.1.6. Sábado de Aleluia	62
3.3.1.7. Dia da Ressurreição (Domingo de Páscoa)	65
3.3.1.8. Festa de Nossa Senhora da Luz (Dia de feriado municipal – segunda-feira de Páscoa)	68
3.3.2. Gastronomia pascal	70
3.4. A Herança Judaica na Páscoa de Castelo de Vide	72
3.4.1. Alguns factos históricos sobre o judaísmo em Portugal	72
3.4.2. A gastronomia judaica	74
3.4.3. Os judeus em Castelo de Vide	76
3.5. A autenticidade da Páscoa de Castelo de Vide	81
<b>4. Perfil do turista que visita Castelo de Vide durante a época pascal</b>	<b>85</b>
4.1. Elementos socioculturais e demográficos	86
4.2. Características da visita	91
<b>5 – Conclusões</b>	<b>96</b>
<b>Índice de tabelas</b>	<b>99</b>
<b>Índice de figuras</b>	<b>100</b>
<b>Índice de gráficos</b>	<b>102</b>
<b>Anexos</b>	<b>103</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>106</b>

## **Agradecimentos**

Ao chegar à fase de conclusão desta investigação sobre a Páscoa de Castelo de Vide, são várias as pessoas que tenho que agradecer, pois sem elas não teria conseguido realizar o meu trabalho.

Em primeiro lugar, queria agradecer ao meu orientador, ao Professor Doutor Domingos Bucho por toda a disponibilidade, por toda a ajuda e as preciosas informações que me forneceu durante todo este processo.

Em segundo lugar à minha família, em especial aos meus pais e ao meu marido, pela paciência, pela ajuda na recolha de informações e sobretudo pelo forte apoio, pois nunca me deixaram desistir.

Em terceiro lugar aos utentes do Lar João Gonçalves Palmeiro Novo, principalmente aqueles que já partiram, mas que nos deixaram as suas memórias neste trabalho.

Em quarto lugar às unidades hoteleiras e de restauração do concelho de Castelo de Vide, que tão gentilmente colaboraram na realização dos questionários aos turistas.

Em quinto lugar ao Município de Castelo de Vide, em especial à Secção de Arqueologia, por toda a colaboração e informação que me foi dada.

Em sexto lugar, à paróquia de Castelo de Vide, nomeadamente ao Senhor Cónego Tarcísio e ao Francisco Galão, pelas preciosas informações e tempo dispensado.

Por último, a todos os castelovidenses, em particular à D. Elisa e à D. Belmira, porque sem eles esta tradição não continuaria a existir e pelo orgulho como souberam manter as sua raízes.

## **A Páscoa de Castelo de Vide: do fenómeno sociocultural ao produto turístico**

### **Resumo**

A presente dissertação tem como objecto de estudo a Páscoa de Castelo de Vide. Este evento religioso possui características, que pela sua singularidade, transformou a tradição num produto turístico, claramente cultural.

Após uma revisão teórica da literatura e a descrição do fenómeno, recorrer-se-á à caracterização do perfil do turista que visita Castelo de Vide durante a época pascal, resultado dos inquéritos realizados durante a Páscoa de 2009, identificando os seus conhecimentos sobre a mesma, as suas expectativas e as suas opiniões críticas

Finalmente, o principal objectivo desta dissertação é verificar se a Páscoa de Castelo de Vide enquanto fenómeno sociocultural se transformou num produto turístico, mantendo a sua autenticidade.

**The Castelo de Vide Easter: from sociocultural phenomenon until the  
touristic product**

**Abstract**

The present dissertation has as object of study the Easter of Castelo de Vide. This religious event possessed characteristics that by his singularity, transformed the tradition into a touristic product, clearly cultural.

After an literature review and theoretical description of the phenomenon, will recourse will to characterize the tourist profile who visit Castelo de Vide during the paschal season, results of inquiries realized during Easter 2009, identifying their knowledge about the same, their expectations and their critical opinions.

Finally, the main objective of this dissertation is to verify that the Easter of Castelo de Vide while sociocultural phenomenon has become a touristic product, maintaining its authenticity.

## **Lista de Abreviaturas**

E.A.A.M.C.V. – Empresa das Águas Alcalinas e Mineromedicinais de Castelo de Vide

ICOMOS - The International Council on Monuments and Sites

OMT – Organização Mundial do Turismo

S.A.C.M.C.V – Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação Ciência e Cultura

WTO – World Tourism Organisation

## **Introdução**

A palavra turismo, deriva do francês *tour* que significa “volta”. No entanto a matriz do radical *tour* provém do latim, através do seu substantivo *tornus* que significa torno (instrumento de trabalho utilizado para tornear) e enquanto verbo significa girar (do latim vulgar). Deste modo surgem os primeiros indícios do conceito de turismo, ou seja, deslocamento temporário com retorno ao local de partida. Os termos *tourist* e *tourism* terão surgido em 1800 e 1811, respectivamente, provenientes da palavra francesa *tour*. (Santos, 2002).

Actualmente é inegável a importância do turismo como alavanca de desenvolvimento de qualquer sociedade, “(...) do ponto de vista estritamente económico-financeira, bastaria recordar que depois dos negócios do petróleo, a “indústria do turismo” é a que mais divisas movimenta no plano internacional. Relativamente a Portugal, a sua ponderação não é menor: desde os tempos do Estado Novo que o seu peso nas contas nacionais se reveste de enorme significação, numa gravitação que ainda hoje é sensível”. (Santos, 2002: 13)

A Páscoa em Castelo de Vide atrai milhares de pessoas a esta vila alentejana, quer estrangeiros, nacionais e os naturais desta localidade que residem sobretudo no litoral.

A escolha deste tema foi motivada pelo facto de como castelovidense que sou ter uma forte ligação à Páscoa e deste ser um tema do qual gosto particularmente.

A riqueza cultural e paisagística que o concelho de Castelo de Vide possui, torna bem característica a sua identidade cultural. Sendo por isso mesmo inquestionável a vocação turística desta vila alentejana, graças ao seu património arqueológico, artístico, cultural e natural.

Muito se tem escrito sobre a Páscoa em Castelo de Vide, sobretudo reportagens jornalísticas durante esta época festiva. João António Gordo na sua obra *No Alto Alentejo – Crónicas e Narrativas*, faz uma descrição exaustiva das celebrações da Semana Santa. Já Maria de Guadalupe Alexandre escreve no seu livro “Etnografia, linguagem e Folclore de Castelo de Vide” algumas referências à Quaresma, Semana Santa e Páscoa. A obra que compila um maior número de informação sobre esta época é sem dúvida *La Semaine*

*Sainte a Castelo de Vide – Sur les chemins d’une identité marrane* de Juliette Fauvrel, é sem dúvida um notável estudo sobre a Semana Santa em Castelo de Vide.

São as suas originais celebrações da Semana Santa, que tão bem combinam o sagrado e o profano, o motivo de tanta gente visitar a “Sintra do Alentejo” nesta época festiva.

A Semana Santa tem início no Domingo de Ramos, em que existe feira e Procissão dos Passos, com três dias de interregno, a vila volta a encher de gente a partir de Quinta-Feira Santa à tarde. A Procissão do Enterro, na Sexta-Feira Santa, é o momento de maior consternação de todas as celebrações. O dia de sábado começa com a Bênção dos Borregos e termina com a muito tradicional “Chocalhada”. No Domingo de Páscoa tem lugar a Procissão da Ressurreição; esta tradição que remonta à Idade Média, consiste num cortejo em que participam os mestres de ofícios e outras agremiações locais, com os respectivos estandartes. A festa da Páscoa termina na Segunda-Feira, feriado municipal, com a Romaria à Capela da Senhora da Luz.

A gastronomia tem um cunho muito forte; por estes dias os pratos são feitos à base de borrego e são confeccionados os tradicionais “bolos de festa”. É neste campo que se percebe a influência judaica, que se fixou na vila de Castelo de Vide no século XV.

Esta é uma festa da família e da reconciliação. As tradições mantiveram-se ao longo dos tempos, sofrendo algumas alterações, não afectando, no entanto, a sua autenticidade.

Esta investigação sobre a Páscoa de Castelo de Vide pretende verificar a sua autenticidade e a importância enquanto atracção turística, conhecer as motivações que levam os turistas a visitar este local durante esta época e também qual o seu nível de satisfação. Assim, estabelecemos como principais objectivos deste trabalho:

a) Identificar o que torna a Páscoa de Castelo de Vide única; b) Compreender como a singularidade da sua tradição a transformou num produto turístico ; c) Verificar junto dos seus visitantes os atributos que contribuem para a sua atractividade;

d) Propor medidas tendentes a salvaguardar a autenticidade da Páscoa de Castelo de Vide.

Este estudo encontra-se estruturado em quatro capítulos. O primeiro está voltado para uma breve discussão teórica sobre a evolução do turismo, alguns conceitos de turismo, turismo cultural e património cultural, o turismo cultural na actualidade, o valor patrimonial da autenticidade, as características do património imaterial, a compatibilização entre cultura e turismo e a atractividade turística e a gestão e planeamento das atracções do património cultural.

O capítulo seguinte ocupou-se em definir os objectos de pesquisa, caracterizar a área de estudo e discutir a metodologia a ser adoptada para a recolha de dados.

O terceiro capítulo faz uma caracterização da evolução histórica da Páscoa de Castelo de Vide, incidindo sobretudo na descrição dos acontecimentos que marcam a Quadra Pascal e na sua autenticidade.

No quarto capítulo fez-se a análise dos questionários efectuados aos turistas durante a Páscoa de Castelo de Vide, de modo a conhecer as suas motivações, estabelecer o seu perfil e ver quais as suas expectativas.

No final, são apresentadas as conclusões obtidas e procurou-se estabelecer um plano de actividades que tornem a Páscoa de Castelo de Vide mais atractiva sem perda da autenticidade.



## **1. Enquadramento Teórico**

### **1.1. Breve resenha histórica sobre o crescimento do turismo**

“O viajar é uma diversão de todos os tempos, não há dúvida. Mas hoje mais do que nunca, converteu-se em uso, consagrado pela moda, e todos mais ou menos viajam”. (Videira, 2008: 19)

O turismo, embora se considere estar perfeitamente estabelecido na segunda metade do século XIX, parafraseando Licínio Cunha, “(...) como actividade económica, é um fenómeno típico do século XX”. (Cunha, 1997: 61)

Foi durante o século passado que se assistiu a uma maior ascensão ao do turismo nível económico e social. Uma grande parte da população começou a poder viajar, conseqüentemente, foram criados e desenvolvidos equipamentos de modo a poder satisfazer quem viaja.

O Homem sempre sentiu necessidade de viajar, de “(...) conhecer outros povos e estabelecer relações com outras civilizações (...)” (Cunha, 1997: 61). As viagens e deslocações fazem parte da história do Homem; de acordo com Cunha (1997), devem-se sobretudo a motivos religiosos, comerciais, políticos, de expansão territorial ou apenas por curiosidade. Pode então dizer-se que “ (...) a natureza das viagens, os seus fins, a sua dimensão e extensão, bem como a forma que assumiram, foram adquirindo características muito diferentes de época para época até alcançarem aquilo a que já se chama «Idade da Viagem»”(Cunha, 1997: 61).

A história do turismo encontra-se dividida em três épocas que foram identificadas de acordo com as particularidades do seu desenvolvimento: a Idade Clássica, a Idade Moderna e a Idade Contemporânea, que não são no entanto, coincidentes com as idades históricas com a mesma designação.

A Idade Clássica tem início nos primórdios das primeiras civilizações e estende-se até à primeira metade do século XVIII. No Ocidente apesar de não se saber quando tiveram início as primeiras viagens, foram os Sumérios quem geraram as condições que originaram as primeiras movimentações de pessoas através da invenção da moeda e o desenvolvimento do comércio. Mais tarde, com a criação da escrita cuneiforme e da roda, as viagens passaram a ter outras finalidades além da comercial.

Foram, no entanto, os Romanos, os grandes responsáveis pela construção das grandes redes viárias, num total de 100.000 km, o que permitiu a deslocação a cavalo pelo Oriente e Ocidente.

No Egipto, há mais de 5 mil anos, foram organizadas viagens pelo Rio Nilo, com o intuito de visitar os templos que se situavam junto às margens.

As sete maravilhas da antiguidade, principalmente as que se localizavam na zona do Mediterrâneo, constituíam um dos principais motivos para gregos e romanos viajarem.

O turismo e o tempo livre fizeram parte da história da Grécia Antiga, havendo uma grande parte do tempo destinada à cultura, diversão, religião e desporto. Os Jogos Olímpicos atraíam à Grécia e à Ásia Menor muitos viajantes, acabando-se por misturar a religião com o desporto.

Os centros de turismo foram criados pelos romanos, aquando do desenvolvimento das instalações termais. As termas, em conjunto com as “representações teatrais, jogos de circo, corridas de carros e outras distrações, a que hoje chamamos animação, permitiram que o termalismo desempenhasse um importante papel no plano das viagens e da animação que ainda hoje se mantém” (Cunha, 1997:63).

Quando, em 476, o Império Romano do Ocidente colapsou, as viagens tornaram-se mais difíceis e perigosas. Assistiu-se então devido ao desenvolvimento do espírito cristão, que manteve o princípio da hospitalidade, já praticado por gregos e romanos. O principal motivo das viagens nesta época eram as peregrinações, cujos destinos principais eram Santiago de Compostela, em Espanha, Canterbury, na Inglaterra, Jerusalém, na Palestina, e Meca, na Arábia. O mais famoso viajante desta época foi Marco Pólo que, no século XIII, viajou durante 24 anos, desde o Oriente até à China: através dos seus escritos deu-nos a conhecer como eram recebidos os estrangeiros.

Os Portugueses iniciaram as primeiras grandes viagens através dos Descobrimientos, tendo sido posteriormente seguidos por outros países.

Esta Idade Clássica estende-se até ao século XVIII e caracteriza-se, sobretudo, pelo facto de as viagens serem de carácter individual, para fins comerciais, peregrinações religiosas, motivos de saúde ou razões políticas, tendo sempre por base o sentido da hospitalidade como dever fundamental de todos os povos.

A denominada Idade Moderna do turismo tem início a partir de meados do século XVIII. Nesta época produzem-se grandes mudanças, quer a nível tecnológico, quer a nível económico, social e cultural, que introduzem alterações significativas nas viagens, permitindo às classes sociais com mais posses realizar viagens de recreio, tendo como principais objectivos aumentar os conhecimentos, procurar novos encontros e experiências.

A Revolução Industrial, com a invenção da máquina a vapor e o surgimento das ideias da livre-troca no comércio internacional, aumentaram as relações internacionais. Em Inglaterra e na França, as novas ideias contribuem para uma maior abertura ao mundo e um maior interesse por culturas internacionais.

Por toda a Europa, em especial em França, começaram a ser construídas estradas e redes de comunicação necessárias à circulação para diferentes tipos de carruagens puxadas por cavalos: diligências, coches, carroças, etc.

Durante a segunda metade do século XVIII, as pessoas mais cultas e célebres faziam viagens longas por quase toda a Europa. O *Grand Tour* era realizado por diplomatas, estudantes e elementos de famílias ricas inglesas, visitando Paris, Florença, Roma e Veneza. Esta viagem tornou-se comum e regular e poderia durar três anos. É com o *Grand Tour* que surge o conceito de turismo, passando as pessoas que viajavam a ser identificadas como *touristes* (turistas).

Foi na Suíça, por volta de 1830, que surgiram os primeiros hotéis, em locais como Baden, Interlaken e St. Moritz, vindo assim a substituir os albergues e hospedarias. Não será também surpreendente o facto de muitos hotéis terem nomes ingleses, uma vez que foram as viagens dos ingleses que conduziram ao desenvolvimento hoteleiro. Surgiram nesta época, grandes hoteleiros, tais como *Pullman* e *Ritz*, que actualmente dão nome a grandes cadeias internacionais.

Foi em 1841, com Thomas Cook, que surgiu o primeiro pacote turístico. Em 1864 preparou uma viagem organizada à Suíça e no ano seguinte inaugurou o seu escritório em Londres. Em 1874, Cook criou em Nova Iorque a nota circular, a forma primitiva dos *travellers* cheques, criados em 1891 pela *American Express*. Thomas Cook é considerado por muitos historiadores do

turismo o pai do turismo moderno, uma vez que as suas iniciativas foram marcantes, sendo actualmente a agência por ele concebida, uma das mais importantes organizações turísticas do mundo.

Foi durante o período de 1880 a 1910 que várias inovações e



Figura 1 - Nota Circular  
Fonte: <http://www.thomascookgroup.com/history>

transformações mudaram abruptamente o estilo de vida, sendo esta época denominada por *Belle Époque*. Existem inúmeros factores que tornaram possível o desenvolvimento do turismo, como a criação do telégrafo e do telefone, a alargamento do caminho-de-ferro e

das estradas, um desenvolvimento industrial e uma melhoria das condições de trabalho.

A última das épocas da história do turismo é a Idade Contemporânea. “O desenvolvimento dos transportes, o reconhecimento do direito às férias pagas, a criação de organizações nacionais e internacionais destinadas a promover o turismo e as novas ideias levaram a que, a partir do início do século XX, o turismo passasse a ser considerado como uma actividade económica relevante” (Cunha, 1997: 67).

Apesar dos graves acontecimentos que abalaram o mundo, como a I Guerra Mundial, a Grande Crise de 1929 e a Guerra Civil de Espanha, o turismo não parou de crescer. No entanto, com a II Guerra Mundial, o turismo foi uma actividade económica que quase desapareceu, e, mesmo após a guerra, este sector sofreu sérias dificuldades.

Foram as várias transformações, tanto a nível científico, técnico e económico, como social, político e cultural que levaram a que os comportamentos, após a II Guerra Mundial mudassem radicalmente. A partir dessa época, o perfil do turista foi alterado, devido aos diversos factores que também influenciaram o turismo.

A Idade Contemporânea teve início em 1945 e estende-se até actualidade. Pode esta idade, no entanto, segundo Cunha (1997), dividir-se em três períodos de 1945 a 1973, de 1973 a 1990 e depois de 1990.

O período de 1945 a 1973 foi essencialmente marcado pelo crescimento económico e pela estabilidade das relações internacionais. Começaram a organizar-se viagens em série, tendo como suporte o avião fretado e as cadeias de hotéis. O grande motivo das viagens passou a ser o sol e mar. Esta época ficou conhecida como a época dos 3S: *Sun, Sea and Sand*, mais tarde foi acrescentado um quarto S, de *Sex*.

No período entre 1973 e 1990, foram vários os acontecimentos políticos e económicos marcantes. As viagens passaram a ter uma menor duração e também a distância se encurtou, tornando as férias mais económicas. Também as motivações começaram a ser outras, nomeadamente culturais e desportivas.

Relativamente ao período pós 1990, este foi profundamente marcado pelas crises económicas, pelo desemprego e pelo aparecimento de novos países europeus, resultantes da queda do muro de Berlim e da desintegração de Jugoslávia e da União Soviética, o que não abalou o crescimento do turismo. Esta época caracterizou-se essencialmente pela mudança da origem dos turistas, bem como dos destinos que procuram, tendo vindo a Europa a perder a sua cota de mercado, em benefício dos países do Extremo Oriente.

Actualmente, o turismo é um dos sectores económicos de mais rápido crescimento a nível mundial, que, segundo a Organização Mundial de Turismo (O.M.T.), iguala, ou até mesmo supera, as exportações de petróleo, alimentos ou automóveis. O turismo é um dos principais agentes do comércio internacional, representando uma das principais fontes de rendimento para muitos países em vias de desenvolvimento. Já no caso dos países industrializados e desenvolvidos, tem beneficiado vários sectores relacionados como a construção, agricultura ou telecomunicações.

De acordo com os dados da O.M.T., na sua publicação *Tourism highlights 2007*, refere que entre 1950 e 2005, as chegadas turísticas internacionais cresceram a uma taxa de 6,5%, passando de 25 para 806 milhões de viajantes. A taxa relativa às receitas foi ainda maior, atingindo os 11,2% durante o mesmo período, alcançando os 680 biliões de dólares em 2005.

Em 1950, os 15 principais destinos turísticos absorviam 88% das chegadas internacionais, enquanto que, em 1970, representavam 75%, e em

2005, 57%, reflexo do aparecimento de novos destinos turísticos, muitos deles países em vias de desenvolvimento.

A indústria do turismo é uma base fundamental da economia mundial. Em 2008, de acordo com os dados da O.M.T., 924 milhões de pessoas viajaram, cerca de 50% das quais para a Europa. De acordo com a mesma fonte, no ano de 2004, Portugal encontrava-se no 19º lugar enquanto destino turístico, com aproximadamente 11,6 milhões de turistas estrangeiros, com receitas que rondaram os 6,3 mil milhões de euros. Não é de estranhar que o turismo represente entre 8 a 10% do nosso PIB, e que seja causa de emprego directo de 10% da população portuguesa.

A O.M.T. prevê que a indústria do turismo se mantenha em constante crescimento, mantendo-se firme face a qualquer catástrofe natural ou crises de origem humana. Deste modo, crê-se que a taxa de crescimento de chegadas de turistas internacionais, em 2020, seja de 4,1 %, ultrapassando 1,5 biliões de pessoas.

## **1.2. Os conceitos de turismo, turismo cultural, património cultural e produto turístico**

O turismo é uma forma de ocupação dos tempos livres que inclui o conceito de recreio, definido como um conjunto de actividades praticadas por quem tem tempo livre. Sendo assim, o turismo não é mais do que uma forma de ocupar o tempo livre, mas que implica uma deslocação e tem como objectivo fundamental satisfazer as necessidades variadas de quem viaja.

A palavra turista refere-se às pessoas que se deslocam para fora da sua residência habitual, por um período superior a 24 horas e inferior a um ano, com fins de lazer, negócio, visita a familiares, missões, reuniões, etc.

Existem várias definições de turismo, a primeira foi estabelecida 1942 por Walter Huzinker e Kurt Krapf. Estes professores consideraram o turismo como “o conjunto das relações e fenómenos originados pela deslocação e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que tais deslocações e permanência não sejam utilizadas para o exercício de uma actividade lucrativa principal” (Cunha, 2001: 29).

De acordo com Cunha (1997), esta definição inclui o conceito de visitante, no entanto, não faz uma separação entre turistas e excursionistas. Destacam-se os seguintes elementos principais:

- “- o turismo é um conjunto de relações e fenómenos;
- exige a deslocação da residência habitual;
- não pode ser utilizada para exercício de uma actividade lucrativa principal.”

(Cunha, 1997: 8)

Outros autores, como Mathieson e Wall (1982) caracterizam o turismo como o “movimento temporário para destinos fora do local normal de residência e trabalho bem como nas actividades desenvolvidas durante a estada e as *facilities* criadas para satisfazer as necessidades dos turistas” (citado in Cunha, 1997: 8). Esta definição, que não tem um cariz técnico, mas contribuiu bastante para esclarecer a natureza do turismo, destaca-se por não evidenciar apenas a óptica da procura, mas também a óptica da oferta.

Leiper foi outro autor que destacou a oferta elaborando a seguinte definição: “a indústria do turismo consiste no conjunto de todas as empresas, organizações e *facilities* que têm como intento satisfazer as necessidades e desejos dos turistas” (citado in Henriques, 2003: 23).

O turismo envolve sempre uma viagem e um consumo de experiências por parte dos turistas; “o turismo é, juntamente com o processo migratório, o grande veículo actual do contacto de culturas, o instrumento privilegiado das relações interpessoais, o elo potenciador de ligação com estranhos, forasteiros, hóspedes e estrangeiros. O turismo incorpora o estranho, acelera a integração, acultura o nativo e o forasteiro, define e fomenta sincretismos” (Ramos, 2006: 126).

Os motivos que levam as pessoas a viajar permitem identificar vários tipos de turismo. São vários os motivos que levam as pessoas a viajar, bem como a grande variedade de atractivos, determinando assim a diversidade de tipos de turismo, permitindo que cada destino pode avaliar a qualidade da sua oferta, e tentar desenvolvê-la, de modo a responder às motivações dos seus visitantes.

De acordo com o que refere Cunha (2003), se as pessoas viajam para conhecer outros povos e civilizações, para visitar grandes centros arqueológicos e culturas do passado ou para assistir a festivais, todas elas têm

em comum uma razão cultural. Pode-se também afirmar que, mesmo que uma pessoa que o motivo principal não seja o cultural, na maioria das viagens de turismo, a componente cultural acaba por estar incluída.

Na Carta de Turismo Cultural do ICOMOS (1976), o turismo cultural é definido como “aquela forma de turismo que tem por objectivo, entre outros fins, o conhecimento de monumentos e sítios histórico-artísticos”.

Até há pouco tempo atrás, falar de turismo era o mesmo que falar de turismo cultural, no entanto, e de acordo com o tipo de motivação que leva cada pessoa a viajar este conceito foi-se alterando.

É apenas na Década de 70 que o turismo cultural é reconhecido como produto turístico, ou seja, o principal motivo que levava uma pessoa a viajar era usufruir de cultura ou património de um determinado destino. Este tipo de turismo atinge o seu auge na Década de 90, devido à fragmentação do turismo de massas, tornando-o num turismo de “elevado perfil” (Henriques, 2003:42).

Podemos definir turismo cultural como “as viagens provocadas pelo desejo de ver coisas novas, de aumentar os conhecimentos, conhecer as particularidades e os hábitos de outros povos, conhecer civilizações e culturas diferentes, do passado e do presente, ou ainda a satisfação de necessidades espirituais (religião).” (Cunha, 2001: 49)

De acordo com a Lei n.º 107/01 de 8 de Setembro “integram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objecto de especial protecção e valorização”. A mesma lei diz-nos que são de interesse cultural os seguintes bens: histórico, paleontológico, arqueológico, arquitectónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico e também os bens imateriais que contribuem para a construção da identidade portuguesa e que fazem parte da nossa memória colectiva. Destes bens que integram o património cultural reflectirão valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade.

O património é um objecto do turismo cultural e divide-se em património material e imaterial. Entende-se por património material “os locais destinados à cultura e construídos pelo Homem; o património imaterial refere-se às festas, manifestações, tradições e saberes” (Cluzeau, 1998: 4).



A oferta turística é formada por um conjunto de elementos que compõem o produto turístico, isoladamente, estes elementos têm pouco (ou nenhum) valor turístico ou possuem utilidade para outros sectores de actividade que não o turismo (Ignarra, 2003).

Para que exista actividade turística, é necessário que no local ou região em causa, existam recursos naturais ou atracções capazes de atrair turistas (Costa, 2004).

Entende-se como produto turístico “o conjunto dos elementos que, podendo ser comercializado, directa ou indirectamente, motiva deslocações, gerando uma procura” (Cunha, 1997: 154).

De acordo com a definição de produto turístico Cunha (1997) refere que as componentes do produto turístico são as seguintes:

- **Recursos turísticos:** “conjunto dos elementos naturais, culturais, artísticos, históricos ou tecnológicos que geram atracção turística” (Cunha, 1997: 154);

- **Infra-estruturas:** “conjunto de construções e equipamentos exigidos pelo desenvolvimento das actividades humanas dos residentes e visitantes no local bem como as que resultam das relações desse local com o exterior” (Cunha, 1997: 154);

- **Superestruturas:** “Conjunto de facilidades necessárias para acomodar, manter e ocupar os tempos livres dos turistas” (Cunha, 1997: 154);

- **Acolhimento e cultura:** “o espírito, as atitudes e os comportamentos existentes em relação aos visitantes bem como as manifestações culturais” (Cunha, 1997: 155);

- **Acessibilidades:** “formadas pelos meios de transporte externos incluindo os serviços e respectivas tarifas” (Cunha, 1997: 155).

A actividade turística tem sido alvo de variadíssimos estudos, que têm contribuído para a sua monitorização e avaliação. Exemplo disso é o ciclo de vida do produto turístico, que de uma forma persistente mostram uma evolução padronizada, permitindo uma divisão em fases ou estádios. O número e nome de fases, pode variar de autor para autor, não tendo no entanto diferenças demasiado acentuadas (Costa, 2004).

De acordo com Costa (2004), são seis as fases do ciclo de vida do produto. A sua caracterização baseia-se nos seguintes elementos: turistas, produto, distribuição e concorrência. As fases do ciclo de vida de um produto são as seguintes:

**1ª Fase – Exploração:** Esta fase caracteriza-se por um número reduzido de turistas. Estes turistas aventureiros são atraídos pela natureza intocada ou pela cultura do destino. O local tem poucas infra-estruturas para receber os turistas. É a fase da descoberta.

**2ª Fase – Envolvimento:** Nesta fase já se iniciaram as iniciativas locais para visitantes e a promoção do destino.

**3ª Fase – Desenvolvimento:** É neste período que se verifica o maior aumento da oferta e da procura.

**4ª Fase – Consolidação:** Apesar de os números continuarem a aumentar, a taxa de crescimento dos visitantes sofre um decréscimo.

**5ª Fase – Estagnação:** O destino deixa de estar na moda, apesar de ainda receber um elevado número de turistas.

**6ª Fase – Pós-Estagnação:** Quando se atinge a estagnação, existem três cenários possíveis: a estabilização, rejuvenescimento ou declínio.

- Estabilização: tenta-se manter o número de turistas;

- Rejuvenescimento: nuns casos a alteração do produto pode ter como objectivo apenas a manutenção do número de turista, como pode dar início a um novo ciclo, com o aumento do número de turistas;

- Declínio: não é possível nem aumentar nem manter o número de turistas.

### **1.3. O turismo cultural na actualidade**

“(…) os monumentos e o património históricos adquirem um duplo estatuto. São obras que dispensam saber e prazer, colocadas à disposição de

todos mas também produtos culturais, fabricados, embalados e difundidos tendo em vista o seu consumo (...)" (Choay, 2000: 185).

Foi com o desenvolvimento económico-financeiro resultante da Revolução Industrial que surgiu, na Europa do século XIX, a noção de "bem cultural". É com esta nova visão do património que surge uma necessidade de preservação dos edifícios.

A primeira comissão dos monumentos Históricos, que começou por inventariar os edifícios e depois a preservá-los, foi criada em França em 1837 (Choay, 2000).

No entanto, os monumentos históricos, só passaram a ter critérios de intervenção em 1931 com a "Carta de Atenas".

Em 1964, na conferência com o tema "A Conservação e restauro dos monumentos e sítios" surgiu um outro documento denominado "Carta de Veneza", que estabeleceu os princípios orientadores sobre protecção patrimonial alargados à defesa do espaço urbano e também para a sua preservação e reabilitação a todos os períodos históricos.

Com a 17ª secção da conferência geral da UNESCO, em Paris, no ano de 1972, com a representação do Centro Internacional de Estudos para a Conservação de Bens Culturais, do ICOMOS e da União Internacional para a Conservação da Natureza e de Seus Recursos, foi criada a identificação de Património Mundial e um fundo financeiro para a sua protecção.

A "Carta de Amesterdão", de 1975, é outro documento importante para o estudo da evolução doutrinária da conservação patrimonial.

Em Nairobi, a 26 de Novembro de 1976, a UNESCO apresenta uma *Recomendação sobre a Salvaguarda dos Conjuntos Históricos ou Tradicionais e das suas funções na vida contemporânea*. Devido à valorização moderna, há uma preocupação com a salvaguarda do património edificado.

A "Carta de Washington", de 1987, tem sobretudo uma preocupação com a imagem da cidade e com o envolvimento dos seus moradores e vem completar os princípios orientadores da "Carta de Veneza".

Em Novembro de 1944 surge o "Documento de Nara", com ele, pretende-se obter a denominada autenticidade do património cultural.

Françoise Choay define como "o culto da cultura", a procura da autenticidade das cidades históricas onde a "sociedade do lazer" se desloca,

de modo a usufruir dos valores artísticos e intelectuais que estes fornecem. O turismo cultural existe devido a este “culto”.

Actualmente, o turismo cultural “abarca não só o consumo de produtos culturais do passado como também da cultura contemporânea ou modo de vida de um povo ou região. Assim, turismo cultural pode incluir tanto turismo de património (relacionado com artefactos do passado) como turismo artístico (relacionado com a produção cultural contemporânea), turismo étnico” (Richards, 1996: 23).

O turismo cultural é uma parte do turismo de massas, praticado na sua maioria por pessoas de um elevado nível cultural. As atracções culturais são muitas das vezes o principal motivo de uma viagem. Para se perceber o peso do turismo cultural, foi necessário realizar inquéritos. Segundo Greg Richards (1996), 60% dos inquiridos responderam que uma atracção tinha sido “importante” ou “muito importante” na escolha do destino, e mais de 20%, respondeu que a combinação de atracções turísticas tinha sido “muito importante”.

Um dos exemplos mais importantes de como o turismo cultural é tido em elevada consideração pelos responsáveis pelo turismo a nível europeu, é o evento Capital Europeia da Cultura. Tem dois objectivos: “tornar a cultura das cidades mais acessível a uma audiência europeia e criar o quadro da cultura europeia como um todo”. (Henriques, 2003: 51)

#### **1.4. O valor patrimonial da autenticidade**

Fortuna (1995) refere que segundo MacCannel, os turistas habitualmente procuram nos seus destinos a autenticidade, que se define como “experiência espontânea e culturalmente valiosa, numa sociedade saturada de artificialismo”. O mesmo autor afirma que na maioria dos casos o nível de autenticidade oferecido ao turista é muito baixo e que este nível de artificialização não lhe permite separar o que é autêntico do que é encenado.

Existe uma invenção de mercado e uma estimulação da nostalgia, devido a uma estratégia de mercado e estimulação da nostalgia, pondo muitas das vezes em primeiro plano os interesses económicos e esquecendo a autenticidade histórico-cultural dos sítios visitados.

Quando se fala em autenticidade, fala-se em algo real, genuíno e verdadeiro, “dependendo da natureza do património cultural, do seu contexto cultural, e da sua evolução através do tempo, os julgamentos de autenticidade podem estar ligados ao valor de uma grande variedade de fontes de informação”. (Documento de Nara, 1994: 3)

Além das fontes de informação, de acordo com o “Documento de Nara”, também são factores que podem condicionar os valores da autenticidade, a forma e o desenho, os materiais e a substância, o uso e a função, as tradições e as técnicas, a localização e o enquadramento, o espírito e o sentimento, bem como outros factores internos e externos.

Devido ao efeito da globalização a que assistimos actualmente, os agentes locais e poderes instituídos procuram, cada vez mais, fazer uma reconstituição do passado. Segundo Gomes (2008) é necessário preservar a “autenticidade” de rituais, festas e tradições, de acordo com um método de valorização e activação, para que estes se transformem em recursos turístico-patrimoniais, por forma a obter fluxos turísticos, contribuindo deste modo para o desenvolvimento local.

A mesma autora refere que o património por si só não preenche todas as necessidades dos turistas, nem assegura o desenvolvimento local. O aumento da procura só acontece caso se desenvolvam estratégias de modo a criarem um produto turístico integrado, com actividades complementares e serviços de apoio acompanhadas de uma boa investigação da herança patrimonial.

### **1.5. O património imaterial, suas características e enquadramento ao nível da UNESCO e do ICOMOS**

A Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial da “UNESCO” reuniu-se em Paris, de 29 de Setembro a 17 de Outubro de 2003. Aqui foi tida em conta a importância do património cultural imaterial, como sendo fundamental na criação da diversidade cultural e garantindo o desenvolvimento sustentável. Devido à sua importância, tornou-se necessário criarem-se condições para a salvaguarda deste tipo de património, uma vez que devido à globalização e à transformação social, se encontra por vezes em risco.

O património cultural imaterial contribui fortemente para a diversidade cultural e na criatividade humana, sobretudo nas comunidades autóctones. É também um complemento importante e enriquecedor do património cultural e natural e um factor de aproximação, intercâmbio e entendimento entre seres humanos.

Segundo esta convenção, entende-se por património imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconhecem como fazendo parte integrante do seu património cultural.” (Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, 2003)

O património cultural imaterial manifesta-se nos seguintes domínios:

- a) Tradições e expressões orais, incluindo a língua como vector do património cultural imaterial;
- b) Artes do espectáculo;
- c) Práticas sociais, rituais e eventos festivos;
- d) Conhecimentos e práticas relacionados com a natureza;
- e) Aptidões ligadas ao artesanato tradicional.

No “Documento de Nara sobre a autenticidade”, é referido como factor fundamental do património cultural (material e imaterial) a autenticidade, pois todos os valores atribuídos às propriedades culturais devem ser credíveis. (Documento de Nara, 1994)

Este documento salienta a importância de que “dentro de cada cultura, seja estabelecido o reconhecimento da natureza específica dos seus valores culturais, bem como da credibilidade e da veracidade relativas às fontes de informação”. (Documento de Nara, 1994: 3)

## **1.6. A compatibilização entre cultura e turismo**

Cluzeau (1998) refere que actualmente assistimos a uma “turistificação” da cultura, sendo que “o turismo é um grande criador de emprego na área da cultura. É também devido ao turismo que existe um maior desenvolvimento e reabilitação das zonas históricas. Daí que se pode caracterizar a cultura como “um recurso, um produto e uma experiência”. (Henriques, 2003: 50)

A dependência entre a cultura e o turismo é clara, referindo a mesma autora que “um museu sem público é insustentável”. Durante muito tempo falar de turismo cultural era um pleonismo, pois o turismo era cultural por natureza (Cluzeau,1998).

De acordo com Henriques (2003), citando Ashworth “a relação entre turismo e cultura pode materializar-se de três grandes formas”. A primeira forma é designada por turismo de arte, a segunda por turismo patrimonial / turismo de património e a terceira turismo num lugar específico.

Segundo Mathieson e Wal, referidos em Henriques (2003), existem três formas de cultura que atraem visitantes:

“ - as formas de cultura inanimada, que não envolvem actividade humana (visitas a museus e edifícios históricos, compra de artesanato);

- formas de cultura reflectidas no dia-a-dia do destino, que constituem a motivação habitual do turista, que pretende observar as actividades habituais de lazer, sociais e económicas dos habitantes;

- as formas de cultura especialmente animadas e que podem envolver acontecimentos especiais, descrições históricas ou acontecimentos famosos (festivais de música, Carnaval, reconstituição de batalhas)” (Henriques, 2003: 48)

Devido aos benefícios económicos e socioculturais que o turismo acarreta, é necessário que este seja protegido, mantido e conservado. Ramos (2006) refere que durante muito tempo, os aspectos socioculturais do Turismo foram negligenciados pelos cientistas sociais, mas que recentemente foram realizados vários estudos sobre este tema. A maioria destes investigadores diz que os impactes do turismo são na sua maioria negativos para o destino turístico.

Entre os impactes negativos, Francisco Ramos citando outros autores, destaca a perda da autenticidade e de identidade cultural. Os impactes, quer sejam positivos ou negativos “ (...) resultam e são consequência do perfil e da quantidade de turistas, do nível da institucionalização da actividade, e das condições socioeconómicas e culturais da sociedade anfitriã” (Ramos, 2006: 129).

É necessário então fazer com que os impactes positivos superem os negativos, sem no entanto “ (...) negar as vantagens económicas, sociais e

culturais do processo turístico, é urgente salvaguardar os destinos turísticos naquilo que eles mais prezam: tradições, autenticidade, identidade, coesão e visão legítima de uma sociedade que elimine assimetrias e desigualdades” (Ramos, 2006: 130).

No estudo ATLAS (Richards, 1996) os turistas culturais são divididos em gerais e específicos.

São turistas culturais específicos “aqueles que viajam especialmente para visitar atracções culturais, sendo estas importantes ou muito importantes enquanto motivações para a escolha dos destino” (Richards, 1996: 24).

Já os turistas culturais gerais “constituem a maioria dos turistas culturais, e atribuem muito menos importância ao turismo cultural no conjunto dos factores que consideram para tomar a decisão de viajar” (Richards, 1996: 24).

O facto de um turista participar em actividades culturais durante a sua viagem, pode ser apenas uma actividade complementar e não o objectivo principal. Pode-se no entanto afirmar que a componente cultural está presente na grande maioria das viagens.

Com o aumento da procura por parte dos turistas às atracções culturais, tem vindo a aumentar a oferta de recursos culturais, em que cada local oferece a unicidade cultural do seu destino.

Henriques (2003) refere que de acordo com Rebollo e Linares, a oferta de recursos culturais se pode dividir em dois tipos:

- a oferta cultural permanente, relacionada com equipamentos culturais;
- a oferta cultural associada a diferentes formas de acontecimentos e manifestações

### **1.7. A atractividade turística e a gestão e planeamento das atracções do património cultural**

São as atracções que definem os destinos turísticos e são parte fundamental do sistema turístico. Uma atracção turística é um elemento ou factor que, isoladamente ou em conjunto, se torna num motivo de deslocação de pessoas. A animação turística é importante em muitas atracções, pois inclui um conjunto de actividades turísticas que têm como objectivo contribuir para melhorar ou aumentar as condições das mesmas, ser uma forma de ocupação



dos tempos livres, ou satisfazer as necessidades e experiências dos turistas durante a estada. A principal diferença entre a animação e atracção é que a primeira tem sempre um carácter humano, enquanto que a segunda pode ser natural ou artificial (Cunha, 2003).

De acordo com a sua origem as atracções podem ser classificadas como (Cunha,2003):

- atracções naturais (praias, montanhas, rios, etc);
- atracções produzidas pelo Homem sem intenção de atrair visitantes (monumentos, centros de peregrinação, etc);
- atracções artificiais com o objectivo de atrair visitantes (parques temáticos, museus, casinos, etc);
- eventos especiais e mega eventos (exposições, festivais, acontecimentos desportivos, etc).

Cada atracção difere na sua capacidade de gerar movimentos turísticos. Os factores como localização, alojamento e condições de acesso são importantes para atrair turistas, no entanto, o elemento mais importante de uma atracção é a sua singularidade, que por si só gera grandes fluxos turísticos (Cunha, 2003).

Estas atracções singulares podem resultar da natureza, mas necessitar da intervenção do Homem, como por exemplo para construir estradas de acesso, e podem ser lúdicas, culturais, espirituais ou comerciais. Outras podem ter sido construídas sem intenção comercial e ter carácter histórico, cultural ou religioso. Existem outras ainda que foram construídas para fins comerciais e têm um carácter lúdico. Por vezes, uma só atracção é suficiente para criar um destino turístico, noutros casos é o conjunto de atracções de um local ou de uma região que determinam a sua aptidão turística (Cunha, 2003).

São as atracções que garantem a existência, criação ou competitividade de um destino turístico. No entanto, algumas delas são apenas uma componente da animação e da ocupação dos tempos livres, não constituindo por si só uma atracção (Cunha, 2003).

As atracções devem seguir um plano detalhado para o seu desenvolvimento, para que seja atingido sucesso turístico. É também necessário ter em consideração que uma atracção não deve colocar em risco o

ambiente e que os seus recursos devem ser sustentáveis. O planeamento de uma atracção deve incluir a conservação da mesma. Torna-se por isso necessário “ (...) elaborar projectos concertados que visem o desenvolvimento durável no plano nacional – no quadro local, departamental, provincial, etc. – ou internacional, assim como em planos específicos de gestão, adaptados à protecção contra os desastres naturais e todos os riscos susceptíveis de causar impactos negativos sobre a autenticidade e a integridade (...)” (Carta dos Itinerários Culturais, 2008: 11). Existem diferentes tipos de atracções, devendo por isso ter-se em conta as suas especificidades aquando do seu planeamento (Inskeep, 1991).

Existem vários núcleos de atracção e os principais são os seguintes (Cunha, 2003):

- **Núcleos receptores naturais:** os núcleos receptores naturais são “todos os destinos que baseiam a sua capacidade de gerar movimentos turísticos na existência de atracções naturais sujeitas a classificação ou certas regras legais ou normas estabelecidas para a sua manutenção e visita (Cunha, 2003: 264)”.

Os núcleos receptores naturais dividem-se em: reservas naturais, parque natural, monumento natural, paisagem protegida e jardins.

As atracções naturais são aquelas que levam mais gente a viajar, no entanto este núcleo receptor não suporta um turismo de massas, daí que seja necessária a garantia de uma manutenção de equilíbrio.

- **Núcleos receptores monumentais e culturais:** a arte, os monumentos e a cultura, são responsáveis pela movimentação de milhões de pessoas anualmente. Neste conceito incluem-se também as cidades, vilas ou aldeias históricas. Dada a importância turística dos monumentos, aglomerados urbanos históricos, bem como da sua importância cultural “(...) impõe uma salvaguarda e protecção não só porque constituem a memória de um povo mas também porque constituem uma atracção turística, muitas vezes única (Cunha, 2003: 267)”.

- **Núcleos receptores religiosos:** a religião fez sempre parte do desenvolvimento de qualquer civilização. As visitas aos locais de culto motivaram as primeiras deslocações. Actualmente, os centros religiosos continuam a ser destinos turísticos de extrema importância (Cunha, 2003).

- **Núcleos climáticos e hidrológicos:** este tipo de núcleos encontra-se dividido em: praias, estâncias montanhosas e de Inverno e estâncias hidrológicas e climáticas. Estas últimas subdividem-se em estâncias de saúde, destinos termais e estâncias termais.

- **Núcleos receptores temáticos:** no turismo temático, os visitantes são motivados por um ou vários temas como a cultura, aventura, saúde, diversão, espectáculo, etc. A designação de “turismo temático” é aplicada nas formas de turismo que satisfazem simultaneamente os seguintes requisitos:

“ – correspondem à busca de novas experiências por parte da procura;

- as atracções resultam principalmente da acção do homem e têm uma característica predominantemente artificial;

- resultam da necessidade das regiões menos favorecidas para o turismo criarem formas de atracção ou de aumentarem a sua competitividade;

- possuem um carácter marcadamente lúdico de diversão ou de entretenimento”(Cunha, 2003: 276).

Fazem parte do turismo temático as seguintes formas de turismo: parques temáticos, casinos (jogos de fortuna e azar), compras de ócio (*leisure shopping*) e turismo industrial.

- **Núcleos turísticos desportivos:** o desporto é um forte motivo para que as pessoas viagem, quer para assistirem a espectáculos desportivos, quer para a sua prática. No entanto, as actividades desportivas, na maioria dos casos, não constituem por si só o motivo da deslocação. Devido à sua importância enquanto geradores de fluxos turísticos, destacam-se os campos de golfe e as marinas (Cunha, 2003).

Os eventos especiais e os megaeventos, são acontecimentos especiais, que não são no entanto suficientes para gerar destinos turísticos. Estes eventos apesar da sua curta duração, são factores importantes na criação e manutenção de um destino (Cunha, 2003).

Estes eventos são sobretudo feiras, festivais, exposições ou acontecimentos desportivos e culturais, envolvem consideráveis meios financeiros e são bastante divulgados na comunicação social (Cunha, 2003).

## **2. Metodologia**

### **2.1. Características do estudo**

É sobre o ponto de vista turístico e histórico que levarei a cabo este estudo de carácter qualitativo, descritivo e indutivo.

De acordo com a escolha feita, acima mencionada, as técnicas de recolha que foram eleitas para realizar o estudo são a análise documental, o trabalho de campo sob a forma de observação directa e indirecta e a entrevista semidirectiva. De seguida passo a explicar a importância destas técnicas para o estudo em causa e a justificar a minha opção, logo após a apresentação das perguntas de partida e dos objectivos do estudo.

### **2.2. Unidade de análise**

Este estudo tem como unidade de análise a celebração da Páscoa em Castelo de Vide. Durante a Semana Santa são muitas as pessoas que visitam esta vila alentejana, com o objectivo de assistir às várias comemorações pascais, quer de carácter religioso quer de carácter profano.

### **2.3. Objectivos do estudo**

Procurando responder à pergunta “Como é que a Páscoa de Castelo de Vide passou de um fenómeno sociocultural a um produto turístico?”, defini como objectivo geral deste trabalho explicar a “Autenticidade da Páscoa de Castelo de Vide através da sua evolução histórica” e como objectivos específicos: a) Identificar o que torna a Páscoa de Castelo de Vide única; b) Compreender como a singularidade da sua tradição a transformou num produto turístico ; c) Verificar junto dos seus visitantes os atributos que contribuem para a sua atractividade; d) Propor medidas tendentes a salvaguardar a autenticidade da Páscoa de Castelo de Vide.

Assim, procedemos à pesquisa sobre a história da Páscoa de Castelo de Vide, a sua autenticidade e a sua importância enquanto atracção turística, procurando saber quais as motivações que levam os turistas a visitar este local durante esta época e também qual o seu nível de satisfação, usando métodos e técnicas próprias deste tipo de estudos, como a pesquisa documental (de

publicações actualizadas), o trabalho de campo (com registos no “diário de campo”), a observação e a entrevista semidirectiva.

## **2.4. Hipóteses**

Um trabalho não é considerado uma verdadeira investigação se não se estruturar em torno de uma ou várias hipóteses. Quando se organiza uma investigação centrada nas hipóteses faz-se com que o trabalho tenha ordem e rigor. Qualquer trabalho científico é caracterizado pelo espírito de descoberta, que traduz a hipótese (Quivy, 1998: 119).

A partir do momento em que se formulam as hipóteses, a continuação do trabalho terá como seguimento “ (...) testar as hipóteses, confrontando-as com os dados da observação” (Quivy, 1998: 120). A hipótese funciona enquanto critério de selecção dos dados mais importantes da investigação. Ao funcionar como critério de selecção de dados, as hipóteses são por isso confrontadas com os mesmos.

No caso concreto deste estudo, partimos da hipótese que a “A Páscoa de Castelo de Vide é um fenómeno sociocultural que se transformou num produto turístico”. Durante este trabalho, tentaremos verificar a validade desta hipótese.

## **2.5. Métodos e técnicas**

Todas as pesquisas, em qualquer área de investigação, são precedidas de uma pesquisa bibliográfica, “ (...) quer para o levantamento da situação em questão, quer para a fundamentação teórica ou ainda para justificar os limites e contribuições da própria pesquisa” (Cervo, 1983: 54).

De acordo com a anterior declaração, a nossa pesquisa documental para a execução deste trabalho tivemos em conta os objectivos do estudo.

Tivemos em conta as publicações sobre os temas deste trabalho, de modo a elaborar a fundamentação teórica do estudo em causa.

A bibliografia existente sobre a temática irá possibilitar-nos aprofundar conhecimentos sobre o assunto e também conhecer o real ponto da situação.

Recorremos sobretudo às fontes escritas (imprensa, revistas e publicações, livros e a documentação disponibilizada directamente pela

Câmara Municipal). Teremos de ter em conta, as fontes estatísticas (fornecidas pelo Posto de Turismo), de forma a conhecer a realidade do número de visitantes nesta época, bem como a nacionalidade mais representativa. Os inquéritos realizados em vários locais, durante a Semana Santa de 2009, são uma amostra representativa dos visitantes e turistas que vieram até Castelo de Vide durante estes dias.

Existe habitualmente uma certa confusão entre trabalho de campo e observação participante, mas há uma diferença entre ambos. A diferença é a seguinte: “ (...) a observação participante é o envolvimento directo que o investigador de campo tem com um grupo social que estuda dentro dos parâmetros das próprias normas do grupo; o trabalho de campo é um processo que envolve mais aspectos da conduta social, dentro dos quais o comportamento manifesto é observado” (Iturra *in* Silva, 1996: 149).

Enquanto o trabalho de campo procura obter informação sobre o passado e o presente e contextualizar as relações sociais que observa, a observação participante é esporádica, sendo o trabalho de campo envolvente (Iturra *in* Silva, 1996: 149).

Numa investigação, tal como a que realizei, é necessário adoptar estes dois processos de conhecimento, devido ao facto de no caso da observação participante, “(...) é o envolvimento que despe o investigador do seu conhecimento cultural próprio, enquanto veste o do grupo investigado” (Iturra *in* Silva, 1996:149).

O trabalho de campo busca o conhecimento através doutros comportamentos, nos quais se engloba a observação participante.

De acordo com Quivy (1998), a observação pode ser directa ou indirecta, não sendo sempre fácil distingui-las em investigação social. A observação directa “(...) é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha de informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela directamente ao seu sentido de observação” (Quivy, 1998: 164). Já no caso da observação indirecta, “(...) o investigador dirige-se ao sujeito para obter a informação procurada (...) o instrumento de observação é um questionário ou um guião de entrevista” (Quivy, 1998:164). No caso concreto deste nosso trabalho, utilizámos a observação indirecta, através da

realização de um inquérito realizado aos visitantes, durante a Semana Santa e colocados em locais distintos de Castelo de Vide.

A melhor forma de se registarem todos os fenómenos, acontecimentos observados e informações recolhidas, será através de um “diário de campo”. Este caderno serve para “(...) observar e anotar os fenómenos, que aparentemente anódinos, mas que relacionados com outros, podem revelar-se da maior importância” (Quivy, 1998: 83).

No entanto, nem toda a informação que necessitamos se encontra disponível através da observação (participante), daí que seja necessário recorrer à entrevista, como forma de complementar o nosso estudo. Segundo Quivy (1998), existem três tipos de entrevista: a entrevista semidirectiva ou semidirigida, “(...) em que o investigador dispõe de uma série de perguntas-guia, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação por parte do entrevistado” (Quivy, 1998: 192); a entrevista centrada ou *focused interview*, em que o entrevistador não possui perguntas pré-estabelecidas, mas apenas de uma lista com os tópicos relativos ao tema em questão; e a entrevista extremamente aprofundada e pormenorizada, em que existem poucos interlocutores, são habitualmente longas e dividem-se por várias sessões.

No caso deste estudo, aquela que mais se adequa é sem dúvida a entrevista semidirectiva, uma vez que entrevistamos autarcas, ex-autarcas e visitantes ou turistas, pessoas idosas e ligadas à igreja e este tipo de entrevista permitiu-nos ouvir o que o entrevistado tem para dizer, mas também intervir quando necessário.

A entrevista, ao contrário do inquérito por questionário, permite um contacto mais directo entre o investigador e o interlocutor, permitindo que haja uma maior veracidade na informação obtida. Como é óbvio, as entrevistas deverão ser preparadas antecipadamente, de modo a ter em conta se estamos a perguntar o essencial para o nosso estudo.

A análise de conteúdo das entrevistas é uma técnica de tratamento de informação a partir da qual “(...) o investigador tenta construir um conhecimento” (Quivy, 1998: 226).

É esta análise que possibilita ao investigador “(...) elaborar uma interpretação que não tome como referência os seus próprios valores e representações” (Quivy, 1998: 226).

Quando se recolhem os dados, através dos métodos anteriormente descritos, é necessário evitar qualquer tipo de enviesamento de qualquer tipo de interpretação que façamos. Deste modo, iremos tentar garantir a fidelidade e validade dos dados que enunciamos de seguida.

É necessário que exista uma fidelidade dos dados para que não surja nenhuma deturpação nas informações recolhidas, pois “qualquer conteúdo é susceptível de interpretações diversas” (Vala *in* Silva, 1986: 117). Tentamos fazer uma escolha aleatória dos turistas a quem fiz as entrevistas semidireccionadas. O nosso “diário de campo” esteve sempre presente, para que pudéssemos tirar as notas necessárias e chegar a conclusões importantes.

A validade dos dados é uma questão bastante complexa, uma vez que “como em qualquer outro procedimento de investigação, também neste o investigador deve assegurar-se e deve assegurar aos seus leitores que mediu o que queria medir” (Vala *in* Silva 1986: 116). Foi necessário manter um contacto periódico com o meu orientador, de forma a garantir a validade dos dados. Também tive em conta, ao fazer uma entrevista, se o entrevistado me forneceu ou não as informações correctas.

Quando se faz uma recolha de dados, devemos analisá-los e interpretá-los de uma forma rigorosa, de modo a que eles nos venham a ser úteis para a nossa investigação. No entanto, apesar do investigador tentar procurar ser o mais imparcial possível, no resultado de uma investigação acaba-se por dar um pouco da nossa interpretação aos dados recolhidos. Desta forma, apesar de não nos considerarmos completamente neutros nesta investigação, procuramos ser o mais imparciais possível.

### **3. Estudo crítico da evolução histórica da Páscoa de Castelo de Vide**

#### **3.1. O concelho de Castelo de Vide**

O concelho de Castelo de Vide situa-se no extremo noroeste da serra de São Mamede. A sua área é de 264km<sup>2</sup> que se distribuem por 4 freguesias:



Santa Maria da Devesa, São João Baptista, Santiago Maior e Nossa Senhora da Graça. As três primeiras constituem a vila de Castelo de Vide, enquanto que a última é referente à aldeia de Póvoa e Meadas.

O facto de Castelo de Vide ter uma grande proximidade com a fronteira espanhola, confere-lhe a nível internacional uma importância no ponto de vista da comunicação terrestre. São duas as vias de comunicação que permitem a ligação entre estes dois países: a linha férrea de Lisboa a Madrid e a estrada nacional 246-1, que liga a Estremadura espanhola e o Vale do Tejo pela margem sul.

A vila de Castelo de Vide, também conhecida por “Sintra do Alentejo”, devido à sua vegetação frondosa e abundância de águas, possui um clima mesotérmico húmido, com a estação seca no Verão, que é bastante quente.

A ocupação humana no concelho é pré-histórica e romana, como atestam os vários sítios e monumentos arqueológicos, ao todo trinta e dois.



Figura 2 - Vista geral de Castelo de Vide  
Fonte: Própria

A vila é mais recente. Recebeu o seu primeiro foral em 1180. Em 1276 formou concelho e em 1310 D. Dinis concedeu-lhe novo foral e iniciou as obras do castelo e das muralhas. Póvoa e Meadas foi concelho na época de D. Duarte, mas foi extinto em 1836 e passou a integrar-se como freguesia do concelho de Castelo de Vide.

As comunidades Judaicas instalaram-se em Castelo de Vide na segunda metade do século XV. A sua presença faz-se notar na judiaria e na sinagoga, situadas no velho casco medieval. São vários os locais de interesse nesta vila, como o castelo e o burgo medieval, a Fonte da Vila, “ex-libris” desta localidade, a Igreja Matriz, o Forte de São Roque e a Capela de Nossa Senhora da Penha.

Hoje em dia, o desenvolvimento de Castelo de Vide passa por uma consolidação e diversificação da oferta turística, assentes na qualidade.

Desde sempre que a vila se soube promover, daí que disponha de uma boa e variada capacidade hoteleira.

No que respeita à gastronomia, Castelo de Vide oferece uma grande diversidade de pratos típicos, dos quais se destacam a sopa de cachola, o ensopado de cabrito, o sarapatel e as boleimas.

Castelo de Vide conhece o seu ponto alto, turístico, na Páscoa, pois são milhares as pessoas que visitam a vila nesta altura do ano, com o intuito de assistirem às várias celebrações. Existem outras festas que também possuem uma forte expressão popular, como o Carnaval Trapalhão, o São João e a Romaria de Nossa Senhora da Penha.

As termas foram o “cartaz turístico” da vila de Castelo de Vide, durante várias décadas. Actualmente, e desde 1995, encontram-se encerradas.

### **3.1.1. O alojamento no concelho de Castelo de Vide**

O alojamento representa um pilar fundamental dos destinos turísticos, pois sem ele estes não poderiam existir. Claro que, o alojamento não constitui uma atracção por si só, mas sim uma forma de o turista poder usufruir das atracções do destino. O alojamento turístico varia de acordo com os tipos de clientela, com as diversas localizações e com os vários tipos de turismo.

Actualmente, e de acordo com o Decreto-Lei nº. 39/2008 de 7 de Março, os empreendimentos turísticos<sup>1</sup> estão classificados da seguinte forma:

- Estabelecimentos hoteleiros;
- Aldeamentos turísticos;
- Apartamentos turísticos;

---

<sup>1</sup> Os empreendimentos turísticos são estabelecimentos que têm como finalidade proporcionar alojamento, de acordo com remuneração, e que incluem estruturas, equipamentos e serviços complementares necessários ao seu funcionamento.

- Conjuntos turísticos (*resorts*);
- Empreendimentos turísticos no espaço rural;
- Empreendimentos de turismo de habitação;
- Parques de campismo e caravanismo.
- Empreendimentos de turismo de natureza.

Os estabelecimentos hoteleiros encontram-se ainda subdivididos em hotéis, hotéis-apartamento (*aparthotéis*) e pousadas. No que diz respeito aos empreendimentos turísticos no espaço rural, estes podem ser classificados em casas de campo, agro-turismo e hotéis rurais.

Não estão incluídos na classificação de empreendimentos turísticos as instalações sem fins lucrativos ou que tenham apenas uma finalidade de solidariedade social. Também os estabelecimentos designados de alojamento local não se consideram empreendimentos turísticos.

Castelo de Vide, enquanto destino turístico, depende obviamente do alojamento. Para este trabalho importa saber onde é que os turistas se podem alojar durante a Páscoa.

No início da Década de 40, tal como refere Luiz Acciaiuoli na *Hidrologia Portuguesa*, os turistas podiam escolher entre o Hotel das Águas, pertencente à E.A.A.M.C.V., o Hotel Sintra do Alentejo e algumas casas particulares. Por esta altura eram as Termas de Castelo de Vide o principal atractivo turístico da vila, em que todos os aquistas e seus acompanhantes ocupavam todo o alojamento disponível. Como a procura aumentou também o alojamento aumentou.

Na Década de 60 já se verifica um aumento dos hotéis e pensões, sendo a oferta composta pelo Hotel das Águas, pela Pensão Casa do Parque, pela Pensão Sintra do Alentejo, pela Pensão Cantinho Particular e pela Casa de Hóspedes de Ludovina Barrigas. O preço das estadas podia variar entre os 30\$00 e os 145\$00.

Na Década de 90 existiam várias unidades hoteleiras espalhadas por todo o concelho, com preços que variavam entre os 3.000\$00 e os 12.400\$00 por casal. Podiam-se destacar de entre as várias unidades hoteleiras as seguintes: Residencial Casa do Parque, Residencial Isabelinha, Residencial Xinxel, Casa

de Hóspedes Cantinho Particular, Residência S. José, Casa Belmira Machado, Casa Machado, Casa Janeco, Quinta dos Lilazes, Quinta da Bela Vista (Agro-Turismo), Casa da Meada (Turismo Rural), Hotel Garcia D’Orta e Hotel Sol e Serra.

Actualmente, Castelo de Vide possui uma boa capacidade hoteleira e com preços variados, dispondo de cerca de 750 camas, divididas pelas diversas unidades hoteleiras do concelho e que se enquadram nas diferentes classificações de empreendimentos turísticos.

### **3.1.2. Estatísticas relativas ao posto de turismo de Castelo de Vide**

As seguintes estatísticas do Posto de Turismo de Castelo de Vide constituem um indicador relativamente aos visitantes no mês da Páscoa entre 2005 e 2009. O número de turistas, tem diminuindo ao contrário do panorama nacional, que registou apenas um decréscimo no ano de 2008, devido à recessão económica. Apesar do decréscimo de visitantes no posto de turismo, as taxas de ocupação hoteleira não baixaram, o que pode significar que os visitantes o procuram menos, uma vez que têm vindo a ser criados folhetos informativos das actividades pascais e distribuídos pelas unidades hoteleiras e de restauração. O facto desta informação estar disponível noutros locais, diminui a necessidade de procurarem o posto de turismo.

Os dados foram fornecidos pelo gabinete sociocultural da Câmara Municipal de Castelo de Vide.

Meses	Posto de Turismo		
	Portugueses	Estrangeiros	Total
Janeiro	567	212	779
Fevereiro	818	415	1233
Março	1550	1068	2618
<b>Abril</b>	<b>2140</b>	<b>3850</b>	<b>5990</b>
Maio	2439	1851	4290
Junho	1287	1072	2359
Julho	1114	1116	2220
Agosto	1703	1679	3382
Setembro	896	1234	2130
Outubro	1258	786	2044
Novembro	1234	488	1722
Dezembro	779	440	1219
Total	15785	14211	29996

Tabela 1 – Número de visitantes no posto de turismo no ano de 2005

Meses	Posto de Turismo		
	Portugueses	Estrangeiros	Total
Janeiro	507	182	689
Fevereiro	668	396	1064
Março	819	759	1578
<b>Abril</b>	<b>2209</b>	<b>1769</b>	<b>3978</b>
Maio	931	1375	2306
Junho	1769	926	2695
Julho	426	799	1225
Agosto	1103	1378	2481
Setembro	788	1447	2235
Outubro	923	1009	1932
Novembro	1326	540	1866
Dezembro	874	598	1472
Total	12343	11178	23521

Tabela 2 – Número de visitantes no posto de turismo no ano de 2006

Meses	Posto de Turismo		
	Portugueses	Estrangeiros	Total
Janeiro	221	225	446
Fevereiro	370	256	626
Março	953	658	1611
<b>Abril</b>	<b>1817</b>	<b>1377</b>	<b>3194</b>
Maio	1394	1801	3195
Junho	1182	958	2140
Julho	1047	1296	2343
Agosto	1832	1365	3197
Setembro	1080	1891	2971
Outubro	1697	1093	2790
Novembro	1731	779	2510
Dezembro	678	497	1175
Total	14002	12196	26198

Tabela 3 – Número de visitantes no posto de turismo no ano de 2007

Meses	Posto de Turismo		
	Portugueses	Estrangeiros	Total
Janeiro	411	206	617
Fevereiro	661	455	1116
<b>Março</b>	<b>2035</b>	<b>1046</b>	<b>3081</b>
Abril	818	931	1749
Maio	1302	1759	3061
Junho	678	1176	1854
Julho	1036	1428	2464
Agosto	2054	1738	3792
Setembro	1308	1810	3118
Outubro	920	1083	2003
Novembro	1066	915	1918
Dezembro	521	348	869
Total	12810	12895	25705

Tabela 4 – Número de visitantes no posto de turismo no ano de 2008

Meses	Posto de Turismo		
	Portugueses	Estrangeiros	Total
Janeiro	462	154	616
Fevereiro	507	234	741
Março	670	706	1376
<b>Abril</b>	<b>1283</b>	<b>1315</b>	<b>2598</b>
Maio	1591	1043	2634
Junho	944	828	1772
Julho	621	977	1598
Agosto	1271	1425	2696
Setembro	955	869	1824
Outubro	1043	840	1883
Novembro	1220	748	1968
Dezembro	519	258	777
Total	11086	9397	20483

Tabela 5 – Número de visitantes no posto de turismo no ano de 2009

Meses	Posto de Turismo		
	Portugueses	Estrangeiros	Total
Janeiro	340	330	670
Fevereiro	378	350	728
Março	1061	734	1795
<b>Abril</b>	<b>2090</b>	<b>1828</b>	<b>3918</b>
Maio	1225	1385	2610
Junho	1124	1346	2470
Julho	548	983	1531
Agosto	1689	1876	3565
Setembro	1044	1362	2406
Outubro	966	897	1863
Novembro	844	565	1409
Dezembro	317	365	682
Total	11626	12021	23647

Tabela 6 – Número de visitantes no posto de turismo no ano de 2010

Meses	Posto de Turismo		
	Portugueses	Estrangeiros	Total
Janeiro	228	173	401
Fevereiro	427	696	1123
Março	569	677	1246
<b>Abril</b>	<b>1781</b>	<b>2329</b>	<b>4110</b>
Maio	1027	1875	2902
Junho	1056	1071	2127
Julho	1303	1118	2421
Agosto	1844	1459	3303
Setembro	1826	2258	4084
Outubro	1268	1270	2538
Novembro	968	412	1380
Dezembro	863	654	1517
Total	13160	13992	27152

Tabela 7 – Número de visitantes no posto de turismo no ano de 2011

Meses	Posto de Turismo		
	Portugueses	Estrangeiros	Total
Janeiro	446	293	739
Fevereiro	660	499	1159
Março	1374	714	2088
<b>Abril</b>	<b>1199</b>	<b>1612</b>	<b>2811</b>
Maio	1114	1213	2327
Junho	814	1193	2007
Julho	898	1042	1940
Agosto	1589	1025	2614
Setembro	1492	1103	2595
Outubro	1278	893	2171
Novembro	896	374	1270
Dezembro	411	289	700
Total	12171	10250	22421

Tabela 8 – Número de visitantes no posto de turismo no ano de 2012

Estes dados permitem verificar que, a par do mês de Agosto, o mês em que se realiza a Páscoa é aquele em que mais visitantes procuram o posto de turismo.

Não existem números oficiais que indiquem o número de turistas durante estes dias, porque apesar das taxas hoteleiras atingirem praticamente os 100%, são também muitos os que ficam alojados em casas de familiares e nas redondezas.

### **3.2. História da Páscoa**

Antes de ser a festa da Ressurreição de Cristo, a Páscoa simbolizava a passagem do Inverno para a Primavera. Esta celebração era festejada, sobretudo na região do Mediterrâneo, pelos povos da antiguidade, durante o mês de Março, na primeira lua cheia da época das flores<sup>2</sup> (Varillon, 2007).

Tal como refere François Varillon “Páscoa quer dizer passagem, passagem pela morte, pelo limiar da morte”<sup>3</sup> (Varillon, 2007:17). Segundo o

---

<sup>2</sup> Nos nossos dias ainda é comum os mais idosos do concelho de Castelo de Vide chamarem “Festa das Flores” à Páscoa

<sup>3</sup> “A Páscoa Judaica evoca a passagem de lavé por cima das casas dos filhos de Israel, que quis poupar na altura em que eram mortos os primogénitos das famílias egípcias” (Nova Enciclopédia Larrousse; 1998: 5350)



mesmo autor, existem grandes Páscoas na História, destacando a Páscoa dos Hebreus e a Páscoa de Cristo. O termo Páscoa deriva do grego *pascha*, que por sua vez é uma adaptação do hebraico *pessach*.

A Páscoa dos Hebreus é a festa anual judaica que “comemora a saída do Egito do povo hebreu, a sua libertação e o anúncio da sua redenção messiânica” (Nova Enciclopédia Larrousse, 1998: 5350).

O povo hebreu vivia em minoria no Egito, trabalhando à força de chicotadas e recebendo um salário miserável. “Foi Deus em pessoa, e não através de qualquer anjo intermediário, quem resgatou o Seu povo da escravidão” (Hertzberg, 1981: 159), é deste modo que o autor se refere ao êxodo dos judeus do Egito, por volta do ano de 1250 a.C.

Segundo o Livro do Êxodo, no Antigo Testamento da Bíblia Sagrada, foi Moisés quem liderou a passagem dos hebreus pelo Mar Vermelho e pelo Deserto do Sinai até Canã, terra onde iriam encontrar a liberdade. No entanto, seriam precisos quarenta anos para atravessar o deserto. Este número simbólico encontra-se novamente nos quarenta dias da Quaresma. No momento da libertação, os judeus tiveram que abandonar o Egito de uma forma muito rápida, não tendo havido tempo para deixar a massa do pão levedar. Durante a Páscoa, os judeus, de modo a assinalar a data, passaram a comer uns bolos achatados, sem fermento, denominados por *matzá* (ou pão ázimo).

Aos 33 anos de idade, provavelmente no dia 3 de Abril do ano 34 (dia 14 do mês de Nisan do ano 3793 do calendário hebraico), tal como refere Josué (2005), Jesus Cristo deslocou-se a Jerusalém para celebrar a Páscoa, tradição seguida à risca pela sua família. Este pregador da Galileia, acompanhado por doze judeus seus seguidores, realizou o *Seder*, ou seja, uma refeição ritual comemorativa da libertação do seu povo da escravidão do Egito. Nesta refeição, tal como refere Hertzberg (1981), comem-se ervas amargas e os pães ázimos, é contada uma versão poética do Êxodo, introduzida por quatro perguntas rituais, de acordo com o sentido da festa, executado pelo mais jovem membro da família.

A Semana Santa representa os últimos dias da vida de Jesus, desde a sua chegada a Jerusalém, até à sua crucificação, morte e ressurreição.

Jesus chegou a Jerusalém montado num jumento para celebrar a Páscoa judaica, local onde foi aclamado pela multidão. A Páscoa foi celebrada por Jesus e pelos seus doze apóstolos na denominada “Última Ceia”. Nessa mesma noite, Jesus foi preso no Jardim de Getsémani, no Monte das Oliveiras, para onde tinha ido orar. Jesus havia sido traído por um dos seus apóstolos, Judas Iscariotes, que o denunciou a troco de trinta moedas de prata.

Jesus foi levado à presença de Pôncio Pilatos, governador romano da Judeia, onde foi acusado de ser agitador e de se intitular “Rei dos Judeus”. Foi condenado à morte. Pilatos enviou Jesus a Herodes que o ridicularizou e lhe colocou um manto real. Ao regressar à presença de Pilatos, foi flagelado e colocaram-lhe uma coroa de espinhos.

Fazia parte da cultura dos governantes romanos libertarem um prisioneiro judeu por ocasião da *Pessach*. Pilatos deu assim a escolher à multidão entre Jesus e um assassino condenado de seu nome Barrabás, a multidão, num episódio conhecido como *Ecce Homo*<sup>4</sup>, escolheu poupar Barrabás. Jesus foi assim condenado à morte através da crucificação<sup>5</sup>.

Depois da flagelação, com o manto vermelho vestido, a coroa de espinhos na cabeça e uma vara de bambu na mão, Jesus foi ainda obrigado a transportar a sua própria cruz até um local chamado Gólgota. Como Jesus foi perdendo as forças durante o percurso, foi ordenado a um homem, Simão Cireneu, que transportasse a cruz durante parte do percurso.

Gólgota<sup>6</sup>, de acordo com Gibson (2009), era um local suficientemente próximo da cidade de Jerusalém, de modo a que os passantes pudessem ler o que estava escrito no *titulus*, sobre a cruz de Jesus.

---

<sup>4</sup> Eis o Homem (João 19:5)

<sup>5</sup> A crucificação era um método de execução romana, em que o condenado era pregado e amarrado a uma cruz de madeira. Eram condenados à morte na cruz desertores, soldados inimigos capturados e rebeldes em tempo de guerra, durante os tempos de paz os criminosos de classes baixas, ladrões, salteadores e escravos. A crucificação era habitualmente precedida “(...) do acto de açoitamento, com o supliciado amarrado a uma coluna e batido com um *flagellum*, que era um pau com cordas ou correias de couro, com pontas de ferro ou de osso” (Gibson, 2009: 129). O condenado não podia ficar com a sua vida em risco logo no acto do açoitamento, dado que ainda tinha que ter forças para transportar a cruz de madeira até ao local da crucificação. Um dos soldados transportava o “ (...) *titulus*, que era uma inscrição com o nome do condenado e o seu crime, que seria depois fixada na cruz sobre o moribundo” (Gibson, 2009: 129).

<sup>6</sup> Gólgota deriva do aramaico *golgota* ou *gulguta*, que significa crânio. A tradução do latim calva (crânio) resultou na designação Calvário.

Os soldados romanos pregaram Jesus na cruz, no alto tinha a inscrição *Jesus Nazarenus Rex Iudeorum*<sup>7</sup> (INRI) e colocaram-no entre as de dois ladrões. Três horas depois Jesus morreu.

O corpo de Jesus foi retirado da cruz por um homem de seu nome José, natural da Arimateia, que lhe queria dar um funeral digno. No final da tarde de sexta-feira, José e Nicodemos, juntamente com outros homens, envolveram o corpo num lençol e colocaram-no num túmulo com uma pedra por cima.

Este túmulo seria uma situação provisória, o objectivo era voltarem todos no domingo para embalsamar o corpo e colocá-lo num local adequado. Com o corpo a salvo de cães e aves “(...) voltaram todos, apressadamente, para a cidade, precisamente a tempo de guardarem o descanso de *Shabat*, que seria envolto em pesar e tristeza” (Walker, 2006: 179).

Na manhã de domingo, quando algumas mulheres – “tratava-se de um grupo pequeno (talvez Maria Madalena, Joana, Susana e uma outra Maria” (Walker, 2006: 180) – chegaram ao túmulo logo após o nascer do sol, com perfumes para ungirem o corpo, este estava vazio, embora os panos em que estava envolvido continuassem lá.

O acontecimento seguinte é sobejamente conhecido, trata-se do episódio de Jesus ressuscitado e este foi o primeiro dia de Páscoa.

Nesta época realizavam-se três grandes festas nacionais (a Páscoa, o Pentecostes e as Tendas) em que a peregrinação obrigatória levava mais de 100.000 peregrinos ao Templo de Jerusalém, sem contar com os vendedores de cordeiros e outros animais que viriam a ser sacrificados.

O antigo ritual da Páscoa dos pastores e agricultores tinha início a 10 de Nisan, quando as famílias compravam um cordeiro. Durante a noite de 13 para 14 de Nisan, todas as casas eram limpas de todo o pão com fermento, começando no dia seguinte ao meio-dia a preparação da Páscoa, em que a partir dessa hora mais ninguém trabalhava. Entre as 14 horas e as 17 horas do dia 14 de Nisan, os homens dirigiam-se até ao pátio do Templo, levando consigo um cordeiro, que matavam num local próprio. O sangue dos cordeiros era recolhido em vasos pelos sacerdotes, era levado até ao altar e aí era derramado. Já as gorduras do cordeiro eram queimadas no altar dos

---

<sup>7</sup> Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus

holocaustos, enquanto que os levitas<sup>8</sup> cantavam num estrado mais elevado os salmos do Hallel (Salmos 113 a 118). O cordeiro era depois levado para casa, onde era assado. A refeição tinha início com o aparecimento da primeira estrela. A Páscoa propriamente dita, realizava-se no dia 15 de Nisan, celebrando-se nessa noite a festa dos Ázimos com o descanso (que terminava no dia seguinte) e a oferta ao Templo. No dia 21 de Nisan à noite terminava a festa dos Ázimos, sendo este também um dia de descanso.

Quando alguma família não tinha possibilidades para adquirir um cordeiro, era usual várias famílias juntarem-se e convidar amigos e pessoas pobres, ou então juntarem-se pessoas sem qualquer grau de parentesco, como foi o caso de Jesus com os seus discípulos, e partilharem a refeição do dia 14 à noite.

A Páscoa cristã é a principal festividade do calendário litúrgico católico e é celebrada pelos cristãos de modo a assinalar a morte de Jesus. É curioso que a Páscoa é a única festividade cristã em que a data não é fixa, característica que tem em comum com algumas festas religiosas judaicas. Sendo assim, a Páscoa celebra-se no “primeiro domingo depois da lua cheia que tem lugar, ou no dia do equinócio da Primavera (21 de Março), ou imediatamente a seguir a esta data” (Nova Enciclopédia Larrousse, 1998: 5352). Assim, dependendo dos anos, a Páscoa oscila entre 22 de Março e 25 de Abril.

Apesar da festa da Páscoa ter uma base sagrada não deixa por isso de ter a sua parte profana, pois “(...) o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história” (Eliade, 2006: 28).

A festa da Páscoa permite “(...) a travessia e as paixões ao nível alegórico.” (Fauvrel, 1994:135). A Páscoa implica um movimento, uma transformação que evocam as etapas do rito de passagem.

---

<sup>8</sup> “Membro da Tribo de Levi, encarregado do serviço do Templo, em especial das funções litúrgicas” (Nova Enciclopédia Larrousse, 1998: 4188)

### **3.3. A Páscoa de Castelo de Vide: comparação entre a sua constituição até aos anos 50 do século passado e a actualidade**

#### **3.3.1. A Páscoa em Castelo de Vide**

A Páscoa é uma festa anual. Estas celebrações realizam-se em Castelo de Vide há muito tempo com algumas pequenas diferenças ao longo dos anos. No entanto, podemos dizer que “são as reactualizações periódicas dos gestos divinos, numa palavra, as festas religiosas que voltam a ensinar aos homens a sacralidade dos modelos” (Eliade, 2006: 100).

A festa da Páscoa casa na perfeição com a fé, o folclore e as tradições, ou seja liga o sagrado e ao profano. Prova disso é a tão apreciada “chocalhada” no sábado à noite ou até mesmo a fanfarra dos bombeiros a tocar na missa de Domingo de Páscoa. Existem todos estes aspectos “pagãos” aliados às celebrações católicas que tornam tão visível o carácter profano, numa festa tão sagrada como a da Páscoa.

Os ritos de passagem na quadra da Páscoa em Castelo de Vide aparecem como operadores capazes de separar por unir, que dominam o tempo numa manipulação simbólica. Numa tentativa de resumir o termo teológico da Páscoa, podemos fazê-lo a partir destes três conceitos: Renovação, Libertação e Passagem.

Tal como em vários pontos do país, a Páscoa em Castelo de Vide atinge uma importância igual ao Natal.

O facto da Páscoa coincidir com a chegada da Primavera, ajuda na vinda de turistas e dos filhos da terra que estão fora, para visitar as suas famílias e participar nas festividades. Estes últimos são designados pelos residentes em Castelo de Vide, como “alicubatas”.

Nestes dias, a população de Castelo de Vide é cerca de três vezes maior do que no resto do ano. Além das habituais celebrações pascais, é realizam-se exposições, a “Feira do Livro”, a “Feira de doces tradicionais e conventuais”, um concerto de música clássica no sábado à noite e também as actuações do Rancho Folclórico Nossa Senhora da Alegria, no domingo à tarde.

Na quadra quaresmal as cores predominantes das celebrações são o roxo e o preto. O roxo representa a penitência e está presente em todas as

procissões da Semana Santa; o preto é símbolo de luto e também de penitência.

### **3.3.1.1. Quaresma e Semana Santa**

A Quaresma tem início na Quarta-feira de Cinzas e prolonga-se até à tarde de Quinta-feira Santa, num total de quarenta dias. A história da Quaresma, de acordo com Mota (2007), remonta ao século II, em que os cristãos faziam um jejum de dois dias, na sexta-feira e sábado anteriores à Vigília. De acordo com o mesmo autor, este período de jejum começou a prolongar-se, como se regista no Egipto nos finais do século III, associando-se aos quarenta dias que Jesus permaneceu no deserto em oração, “(...) preparando-se para a manifestação transcendente da Sua Morte e Ressurreição por Amor aos Homens” (Catana,2004:21).

O simbolismo do número quarenta está também associado aos quarenta dias que Moisés jejuou no Monte Sinai, que o profeta Elias caminhou até Horeb, o Monte de Deus, e também os quarenta anos que o Povo de Israel peregrinou através do deserto.



Figura 3 - Matracas  
Fonte: Própria

A entrada no período quaresmal representa um tempo de conversão, “(...) de maior meditação entre a graça e o pecado, entre o bem e o mal, entre Deus e o Diabo” (Catana,2004:21), sendo por isso uma época de oração, de sacrifício e de esperança, o mesmo será dizer, de preparação para a Páscoa.

Durante a Quaresma a Capelinha do Calvário está aberta todas as sextas-feiras, com a imagem de Nossa Senhora da Soledade<sup>9</sup>.

É habitual não se comer carne durante as sextas-feiras da Quaresma, bem como entre Quinta-Feira e Sexta-

<sup>9</sup> Esta imagem do século XVII, é uma santa de vestir e é propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Castelo de Vide.

Feira Santa e Sábado de Aleluia. Esta tradição, praticada pelos católicos, e que ainda hoje é bastante respeitada pelas gentes de Castelo de Vide, deve-se ao facto de Jesus ter sido maltratado e o seu sangue derramado, por isso não se come carne em respeito à sua morte e pelo que sofreu por nós (Alexandre, 1976).

Na Quaresma, devido ao carácter religioso, não se realizam bailes; os casamentos e baptizados devem ser evitados, bem como as canções populares, consideradas profanas (Alexandre, 1976).

Desde a quinta-feira até ao Sábado de Aleluia, os sinos não tocam nas igrejas, como forma de luto pela morte do Senhor. Até ao aparecimento da Aleluia, são as *matracas* que substituem o tocar dos sinos, quer no início de uma procissão quer para anunciar a morte de alguém.

A partir da quarta-feira até à madrugada de Domingo da Ressurreição todos os fornos da vila coziam os bolos de festa, queijadas e folares, de modo a abastecer as famílias que por esta altura faziam vários jantares e merendas, nos campos que começavam a florir. Estes bolos continuam a fazer parte da dieta pascal, mas na maioria das vezes são comprados nas várias pastelarias de Castelo de Vide e já não são exclusivos desta época, com excepção dos folares, que são confeccionados apenas nesta altura do ano.

Até uma certa época, os andores nas procissões eram atribuídos aos irmãos das diferentes confrarias por hierarquias, dos irmãos mais velhos aos mais novos, com excepção da Procissão da Ressurreição, cuja organização estava a cargo da Câmara Municipal.

O canto surge de forma espontânea e saudável nas populações rurais nos seus tempos de lazer, fervor religioso ou nas fainas Catana (2004). Relativamente aos cânticos de teor religioso, são segundo o mesmo autor, aqueles que se entoam durante a Quaresma os que melhor expressam o sentimento religioso do povo português. Em Castelo de Vide eram cantadas quadras de índole religiosa<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> “Dizei Madalena Santa,  
Se Jesus vistes passar.  
Por mim aqui não passou, Senhora,  
Antes do galo cantar.

Levava uma cruz aos ombros,  
Mas não podia levar...

Os grupos de mulheres que trabalhavam no campo, em mondas e sachas, passavam o seu tempo a entoar estas canções. Também o faziam quando iam à fonte buscar água, ao lavar a roupa no rio ou então nas suas lides domésticas.

Em Castelo de Vide, o período pascal pode ser dividido em duas fases: uma dita católica e outra mais sincrética. Desde o Domingo de Ramos até à Sexta-Feira Santa, todas as celebrações são católicas, cujas cerimónias seguem um certo ritual e hierarquia. Esta fase termina com a “Procissão do Enterro do Senhor”. Já o Sábado de Aleluia e o Domingo de Páscoa denotam “ (...) costumes de outras influências, especialmente judaica (...)” (Fauvrel 1994: 62).

Existem três maneiras de celebrar a Páscoa. A primeira pelas pessoas mais velhas, sobretudo mulheres, que assistem aos serviços litúrgicos. Uma segunda por algumas pessoas de meia-idade, alguns adolescentes e crianças,

---

E uma corda ao pescoço,  
Que o fazia ajoelhar!

Não posso João, não posso,  
Eu vou cheia de ternura!  
Não posso ver meu filho,  
Preso a uma coluna!...

Ó meu filho, Ó meu filho,  
Quem te tratou da má sorte?  
Tão pobrememente nasceste,  
Tão triste tendes a morte!

Indo eu para o calvário,  
Nas minhas costas rezando,  
Os caminhos me disseram:  
- A Senhora está chorando  
Pelo seu amado filho,  
Que lho estão martirizando!

Ó calvário, ó calvário  
Ó calvário de ternura  
Onde está o Senhor morto,  
São João e a Virgem pura!

Senhor padre João de Deus,  
Raminho de salsa crua!  
Anda pregando pelo mundo,  
A sua alma está pura!” (Alexandre, 1976: 175)



que participam nas procissões. Por último os homens e a maioria dos adolescentes que se afastam do ambiente religioso e apenas aproveitam as festas.

Durante a Semana Santa, todas as celebrações religiosas são habitualmente realizadas na Igreja Matriz. Passo a descrever as actividades que se realizam durante a Semana Santa, algumas já não se realizam, como é o caso de Quarta-Feira e Quinta-Feira, mas faziam parte da tradição nos anos 50, segundo Gordo (2004).

### **3.3.1.2. Domingo de Ramos**

A origem da celebração do Domingo de Ramos, de acordo com Mota (2007), remonta ao século IV em Jerusalém, recriando a entrada triunfal de Jesus na Cidade Santa, montado num jumento e onde foi aclamado pela população com ramos e palmas.

O dia de Domingo de Ramos tinha início logo pela alvorada com uma tradição que de acordo com Gordo (2004) ainda se realizava nos anos 50; era a procissão dos Terceiros. Esta pequena e modesta procissão dos filiados da Ordem Terceira da Penitência, saía da sua capela no Convento de São Francisco (actual Fundação Nossa Senhora da Esperança). Os irmãos terceiros, vestidos com os seus hábitos e capas de estamena, percorriam os passos da via-sacra, com a sua cruz simbólica da Ordem e alumiados por dois tocheiros, entoando a seguinte oração:

“Santa Maria  
Mãe do Senhor  
Chagas abertas  
Do meu Redentor” (Gordo, 2004:33)

O Domingo de Ramos de Castelo de Vide é dia grande, pois além de ter feira, tem várias manifestações de fé às quais ninguém quer deixar de participar ou apenas assistir. Este dia que começa bem cedo pode ser dividido em quatro partes: o mercado, a missa na igreja de Santa Maria da Devesa com a respectiva cerimónia da Paixão e a pequena procissão dos Ramos, a Procissão do Senhor dos Passos e a Procissão do Senhor dos Passos à Matriz.

A Bênção dos Ramos realiza-se na missa na Matriz, em que cada pessoa leva um ramo de oliveira para ser benzido. No interior da igreja, antigamente, realizava-se a procissão da Palma, comemorativa da entrada de Jesus em Jerusalém, com o pároco à frente levando um ramo de palmeira enfeitado com flores. A procissão saía por uma das portas laterais, dava a volta à igreja e reentrava pela porta principal (Alexandre, 2004).

As matracas começam a ouvir-se um pouco antes das 16 horas, em frente à porta principal da Igreja Matriz a anunciar que a procissão vai sair.

A procissão dos passos representa a via dolorosa que Jesus percorreu desde Jerusalém até ao local da sua execução. Este cortejo tem início na Igreja Matriz e termina no Calvário, passando pela Rua de Santa Maria de Baixo, Rua da Costa, Canto da Aldeia, Rua de São Pedro, Largo João José Le Coq e Carreira de Baixo. Esta procissão, até aos Anos 70 e de acordo com Alexandre (1976) teria um itinerário diferente, incluindo também a Rua Nova e a Conceição. É sem dúvida uma das mais importantes procissões que se realiza no concelho.



Figura 4 - Passos de Castelo de Vide  
Fonte: Própria

A procissão passa por seis “Passos”<sup>11</sup> durante o seu percurso. São as senhoras que moram junto dos “Passos”, quem os enfeita com flores e velas.

O primeiro passo fica junto à Igreja Matriz, no Largo Capitão Salgueiro Maia, seguindo pela rua de Santa Maria de Baixo e dobrando ao cimo da Rua Mouzinho da Silveira em direcção à Rua da Costa, onde a meio de encontra o segundo passo. Continuando pela Rua da Costa, e mesmo no início do Canto da Aldeia, em direcção à Rua de São Pedro, fica o terceiro passo. Seguindo pela Rua de São Pedro e passando ao Arco com o mesmo nome, entrando na Rua de Baixo, na fachada norte da Igreja de São João temos o quarto passo. O quinto passo está localizado junto ao Convento de São Francisco, na parede lateral da Capela do Sagrado Coração de Jesus. O último passo está junto à Igreja do Calvário.

Existiram ainda outros passos, que com o passar do tempo foram desaparecendo.



Figura 5 - Colchas à janela  
Fonte: Própria

Exemplo disso é o nome de uma rua, que ainda hoje conserva o nome de Rua do Passo Novo. Os “Passos”, que têm portal, só se encontram abertos durante as sextas-feiras da Quaresma, no Domingo de Ramos e da Sexta-Feira Santa até ao Domingo de Páscoa.

<sup>11</sup> Os passos ou estações da via sacra são pequenos altares embutidos nas paredes exteriores das casas em sinal de devoção à Paixão de Cristo, representando as várias cenas de Cristo a caminho do Calvário. Esta devoção remonta provavelmente ao ano de 1350, em Itália, quando os Franciscanos erigiram as estações da via sacra nas igrejas. As estações da via sacra são catorze, no entanto o seu o número tenha variado na história do catolicismo. As estações ou passos da Paixão de Cristo ao longo da Via-sacra ou Via Crucis são os seguintes: I. Jesus é condenado à morte; II. Jesus carrega com a sua cruz; III. Jesus cai pela primeira vez; IV. Jesus encontra a sua Mãe; V. Jesus é ajudado por Simão a levar a cruz; VI. Jesus encontra Verónica; VII. Jesus cai pela segunda vez; VIII. Jesus fala às mulheres de Jerusalém; IX. Jesus cai pela terceira vez; X. Jesus é despido das suas vestes; XI. Jesus é pregado na cruz; XII. Jesus morre na cruz; XIII. Jesus descido da cruz ;XIV. Jesus colocado no sepulcro (Bíblia Sagrada, 1974).



Figura 6 – Senhor dos Passos  
Fonte: Própria

Durante a passagem da procissão, é habitual existirem vistosas colchas nas janelas das casas e “ (...) quase todas as pessoas ajoelham, mesmo dentro de casa, à passagem do palio ou das imagens (...) ” (Alexandre 1976: 89). Este ritual repete-se em todas as procissões que se realizam na vila.

O andor do Senhor dos Passos e a sua Cruz são levado em ombros por homens vestidos com opas roxas (antigamente eram os irmãos da confraria das Almas que levavam o andor) e pára em todos os Passos, entoando o Miserere (título do 50º salmo de David que principia por esta palavra) É habitual apresentarem-se algumas “(...) crianças, de ambos os sexos vestidas umas de Senhor dos Passos, outras de Nossa Senhora, e ainda de anjo (...) ” (Alexandre 1976: 88). Outras crianças, ostentando opas roxas levam os martírios do Senhor “(...) a cruz negra, em cujos braços se enlaça a branca toalha de renda flutuando ao sabor da vibração, a coroa dos espinhos e os cravos que prenderam Jesus ao lenho da condenação; a escada que os tiranos utilizaram na hora do suplício e a mão sinistra que esbofeteou o Filho de Nazaré; o azorrague da flagelação e a lança em cuja ponta mandaram à boca do doce Rabino e a esponja de fel e vinagre.



Figura 7 - Bandeiras de Procissão  
Fonte: Museu de Arte Sacra Cónego Albano

E, em lugar de relevo, a Verónica, em significação da amorável Maria de Magdala, apresentando no pano escuro o sudário de Jesus...” (Gordo, 2004:35). Durante alguns anos, os martírios do Senhor não fizeram parte desta procissão. Esta tradição foi recuperada há poucos anos e são as crianças que



frequentam a catequese em Castelo de Vide, que transportam simbolicamente os objectos da Crucificação durante este cortejo religioso.

Os irmãos da confraria das Almas transportavam um outro símbolo que actualmente não faz parte desta procissão: trata-se das Bandeiras de Procissão, do século XVII. Este conjunto de três pinturas a óleo sobre tela tem uma armação em madeira e é suportada por uma vara. Numa das faces é representada um símbolo relacionado com os passos da Paixão de Cristo e na outra face a cena bíblica que esse símbolo representa.



Figura 8 - Nossa Senhora e São João Evangelista  
Fonte: Própria

Esta procissão inclui as imagens do Senhor dos Passos<sup>12</sup>, de Nossa Senhora e de São João Evangelista, sempre enfeitadas com inúmeras flores, que são muitas vezes oferecidas como forma de promessa ou apenas por devoção de alguns fiéis. A abrir a procissão vem o Pendão em damasco roxo com as iniciais gravadas S.P.Q.R<sup>13</sup>, que significam *Senatus Populus Que Romanus* (O Senado e o Povo Romano). Este era o símbolo da autoridade dos Romanos, que habitualmente estava presente no desfile dos condenados, segue-se a coluna com a corda que simbolizam a corda e a coluna às quais

---

<sup>12</sup> A imagem de Nosso Senhor dos Passos data do século XVIII. É toda em madeira e as suas vestes roxas. Transporta uma cruz às costas tal como Jesus Cristo no trajecto percorrido desde a sua condenação até ao seu sepultamento.

<sup>13</sup> Este pendão recorda a condenação de Jesus, feita de acordo com a Lei Romana que vigorava em Jerusalém na altura

Jesus foi preso e açoitado no Pretório. No final da procissão vem a Banda União Artística.

O último dos acontecimentos deste dia é a Procissão do Calvário à Matriz. Até uma certa época, era realizado nesta noite um cortejo bem vistoso com o Senhor morto no esquife, que tal como refere Gordo (2004), saía do Calvário em direcção à Igreja Matriz.

Começaram a existir comentários, sobretudo de gente de fora, referindo a estranheza de tão rápidos acontecimentos, pois “(...) após a subida ao Calvário, voltar já o Senhor morto no esquife (...)” (Gordo, 2004:35). As autoridades da diocese modificaram a data desta procissão nocturna que se seguia logo à dos Passos, que apesar de cronologicamente errada não era mais do que a Procissão do Enterro do Senhor, passando a realizar-se na Sexta-Feira de Paixão.

Actualmente, por volta das 22 horas, sai do Calvário um cortejo com a imagem do Senhor dos Passos, em direcção à Matriz.

### **3.3.1.3. Quarta-feira de Trevas**

Durante a tarde de quarta-feira, pela hora do Ofício das Trevas<sup>14</sup> cerimónia medieval da Paixão que consistia, essencialmente, em ir apagando as velas do *tenebrário*, até só uma, que representa Cristo, ficar acesa), todo o clero da vila e o organista se juntavam na Igreja Matriz, mais propriamente nos cadeirais da capela-mor. As janelas da Matriz encontravam-se cobertas com panos escuros, o que facilitava o recolhimento. Este não era um dia de muita afluência à igreja. Iam decorrendo as lições do ofício das Trevas. No candelabro ardiam tantos círios (velas grandes de cera) quantas as lições do ofício. O sacristão ia apagando as velas à maneira que as lições se iam cantado. Quando só restava a última vela acesa, no vértice do candelabro, o sacerdote retirava-a e entregava-a a um dos sacerdotes. Os sacerdotes rezavam baixinho os últimos versículos. Já noite cerrada, o ofício terminava com os sacerdotes a baterem com os livros no chão (Gordo, 2004). Actualmente não se realiza nenhuma actividade neste dia.

---

<sup>14</sup> Esta tradição católica tem como objectivo lembrar que o mundo já está na escuridão, dada a aproximação da morte de Jesus Cristo.

### 3.3.1 .4. Quinta-feira de Endoenças e Quinta-feira Maior

Segundo Gordo (2004), o dia de quinta-feira da Semana Santa tinha as denominações de Quinta-feira de Endoenças e de Quinta-feira Maior. Este é o dia da evocação da Eucaristia e do Sacerdócio. O povo hebreu celebrava anualmente este dia, através do rito pascal da imolação do cordeiro, a libertação do Egito.

O dia de Quinta-feira de Endoenças começava bem cedo com confissões nas várias igrejas paroquiais de Castelo de Vide. Havia missa e uma procissão no interior da Matriz, em que participava o clero, as confrarias e as irmandades existentes na época. Realizava-se a Exposição do Santíssimo na tribuna, esta durava até ao serão, passando por aí o cortejo da Visitação, que se dirigia para a Igreja da Misericórdia (Gordo, 2004).

A solenidade da Exposição seguia da Matriz para as outras igrejas paroquiais, passando pela do Convento e culminando na da Misericórdia, também designada pela invocação de Santo Amaro (Gordo, 2004).

Já durante a tarde e ao serão, as pessoas de todos os estratos sociais, visitavam as várias igrejas que se encontravam abertas, principalmente quando o clima era favorável.

Um facto importante de realçar era os trajas utilizados neste dia. Segundo Gordo (2004), as pessoas de elevado nível social vestiam sobrecasaca, os homens usavam um chapéu alto, nem sempre preto. Já as senhoras, ficavam muito bem nos seus vestidos de seda. Talvez devido à localização, junto a Espanha, muitas senhoras usavam um atraente *donaire* no cabelo, utilizavam também uma *peineta* alta que prendia as rendas brancas que lhes cobriam o busto.

No entanto, havia senhoras de várias classes sociais que optavam apenas pelas mantilhas pretas.

Os homens da classe média vestiam casaco cintado, chapéu alto ou de coco preto. Já as senhoras vestiam a chamada *coca* (mantilha), com o seu véu de retrós preto mais ou menos trabalhado.

Muitos homens importantes da classe média, até mesmo lavradores, usavam uma jaqueta de *diagonal* preto, debruada a fita de seda e sobre os ombros uma capa à *espanhola*.

As pessoas do campo eram a classe mais numerosa. Os homens vestiam jaqueta de *seborreco* em xadrez, com debrum de pano preto e chapéu de pele de coelho. As mulheres utilizavam *coca* nestes dias solenes.

Tal como indica Gordo (2204), a Quinta-feira Maior era um dia de grande azáfama para o provedor da Misericórdia, que morava na casa do consistório, junto à igreja da irmandade. Tinha que organizar o dispendioso cortejo da Visitação, bem como da distribuição da cera e a preparação do Enterro.

Um facto de relevância, era que neste dia a Santa Casa oferecia amêndoas aos elementos da Irmandade. Eram muitas vezes às dezenas, entregues em salvas de prata, em suas casas, pelo andador e outros serventuários menores (Gordo, 2004).

O cortejo da Visitação saía à noite da Igreja da Misericórdia e percorria as várias igrejas da vila, enfeitadas de flores. Eram muitas as luzinhas e os fogaréus que iluminavam a procissão.

A única celebração deste dia, que se mantém actualmente, ocorre por volta das 21 horas; a imagem da Nossa Senhora da Soledade é transportada da Igreja Matriz até ao Calvário. Não se trata de uma procissão, pois as pessoas não seguem alinhadas, nem há acompanhamento musical. Os crentes acompanham a imagem, munidos de velas e a rezar. No regresso, dirigem-se até à Matriz onde se faz a adoração do Santíssimo Sacramento.

### **3.3.1.5. Sexta-feira da Paixão**

As cerimónias religiosas iniciavam-se de manhã bem cedo na Igreja Matriz, em que assistia todo o clero e seminaristas e a população de Castelo de Vide e Marvão. Esta última aproveitava o facto de ser mercado semanal para vir fazer as suas compras e vendas (Gordo, 2004).

Seguidamente, celebrava-se a missa de pré-santificados, realizada por três sacerdotes e presidida pelo arcepreste. Eram retirados os adornos dos altares e fazia-se a adoração da Cruz. Era iniciada a mais interessante cerimónia da Paixão, que era cantada por três sacerdotes. Apesar de ser interpretada em latim, eram muitos os fiéis que assistiam a estas celebrações.



Por volta do meio-dia iniciava-se a procissão do Enterro, composta pelos irmãos da Misericórdia, que traziam, desde a sua sede, a imagem de Nossa Senhora da Soledade. A procissão percorria as duas ruas principais da vila, sendo o Senhor Morto, no esquife<sup>15</sup>, transportado pelos irmãos da Santa Casa (Gordo, 2004).

A procissão voltava à Matriz, onde o orador que se encontrava no púlpito, depois de toda a gente se acomodar e silenciar, relatava o drama da Judeia, com vinte séculos de história (Gordo, 2004).

Depois da extensiva oração, Jesus era colocado no túmulo, situado em frente à capela das Almas. Assim terminavam as celebrações do Enterro.

Ocorria durante a noite a procissão da Soledade, que saía da igreja do Convento e que era fomentada pela Ordem Terceira da Penitência. Esta procissão percorria várias ruas da vila e sendo esta Ordem caracterizada pela “(...) sua pobreza e humildade, não podia despender grande verba em velas e archotes, recolhia ao templo de onde saía, onde o último orador desta Semana de comemorações se aprestava para, em voz comovida e apropriada à circunstância, pronunciar o sentido sermão da Soledade” (Gordo, 2004: 43). A procissão voltava à igreja do Convento em que o orador realizava o sermão da Soledade. Após o sermão, toda a gente entrava na capela anexa dos Escravos do Santíssimo Coração de Jesus, e durante dois dias o Santíssimo poderia ser adorado.



Figura 9 - Saída do Calvário da Procissão de Enterro do Senhor

Fonte: [http://nortealentejano.blogspot.pt/2011\\_04\\_01\\_archive.html](http://nortealentejano.blogspot.pt/2011_04_01_archive.html)

Na Páscoa actual, este dia é marcado pelo toque da sereia da Câmara Municipal, às 15 horas, que representa a hora da morte de Cristo, “(...) convidando toda a gente ao recolhimento” (Alexandre 1976: 90). Mais tarde realiza-se a “Procissão do Enterro”, que desce do Calvário para a Matriz, atravessando o Parque João

<sup>15</sup> Esta imagem encontra-se em permanência na Igreja Matriz e é possivelmente do século XVII.

José da Luz e a Carreira de Cima. “Findo este dia pesado, a vila ganha um ar de festa” (Alexandre 1976: 90).

No início do cortejo, vem um fiel com as matracas a anunciar a procissão. A imagem da Nossa Senhora da Soledade que foi levada até ao Calvário no



Figura 10 - Procissão do Enterro do Senhor – Nossa Senhora da Soledade  
Fonte: Própria

dia anterior, regressa agora até à Matriz, a acompanhar o Senhor morto no esquife. Existe também a representação da cruz negra com a toalha de renda branca enrolada e várias crianças vestidas de anjo completam a procissão.

Existe um hábito interessante neste dia, além de não se comer carne, também não se comem

verduras (Alexandre, 1976). Esta tradição é explicada pelos castelovidenses que em sinal de respeito por Jesus, após ter sido flagelado, “(...) foi conduzido pela Porta dos Jardins (ou *Gennath*), situada a noroeste das muralhas da cidade” (Walker, 2006:165). Nesta caminhada de sofrimento, Jesus terá andado por entre a vegetação, daí que se tenha estabelecido esta forma de abstinência.



Figura 11 - Procissão do Enterro do Senhor – Senhor Morto no Esquife  
Fonte: Própria

### **3.3.1.6. Sábado de Aleluia**

Até aos anos 70 do século passado, a celebração da Aleluia era de manhã. A gente nova de Castelo de Vide juntava-se no chamado lajeado, próximo à Igreja Matriz, com campainhas, guizos ou até mesmo chocalhos. Ocorriam dentro da Matriz as demoradas celebrações religiosas, com a bênção do Lume-Novo, que se realizava no baptistério. Cá fora todos aguardavam

impacientes, entrando e saindo da igreja e fazendo os possíveis para não tocar os chocalhos antes do tempo. Existiam duas Bandas Filarmónicas em Castelo de Vide, que também participavam no evento, bem como a fanfarra do Asilo dos Cegos (Gordo, 2004).

Nas portas da Vila (Aramenha, São João, Porta Nova e Santa Catarina) encontravam-se os lavradores com os seus rebanhos, com o objectivo de venderem o gado, “(...) mantidos para além das muralhas não só por tradição secular, mas também por secular disposição legal, que só ao aparecer da Aleluia lhes permite entrar na vila com os gados<sup>16</sup>. Já em 21 de Março de 1587 regulamentava o assunto, devendo registar-se que em tal tempo, outra coisa não se tivera vista senão cortar abusos que fossem ao encontro desse tão lindo costume de antanho” (Gordo, 2004:60).



Figura 12 - Bênção dos cordeiros  
Fonte: S.A.C.M.C.V.

Já perto da hora do aparecimento da Aleluia, encontravam-se no adro da igreja as bandas, direccionadas de acordo com

itinerário que iriam seguir. Próximo do portal principal estavam os homens munidos de foguetes e bombas de pataco; e junto à grade encontravam-se outros com escopetas, preparados para as salvas de tiros. Às 10 horas da manhã já o povo aguardava na Matriz, com as cantarinhas cheias de água benta, provenientes do baptistério. De seguida, o clero organizava-se em procissão de modo a seguir pela igreja acima (Gordo, 2004).

---

<sup>16</sup> Era hábito que os lavradores oferecessem um cordeiro por tapada aos proprietários dos terrenos como forma de propina. Este hábito ainda hoje se mantém, mas com menos importância que há alguns anos atrás. Os lavradores também oferecem um cordeiro na Páscoa a amigos próximos ou a quem devem favores, “(...)em todas as ruas se deparam homens, mulheres e crianças, sobraçando os cordeiros que conduzem alegres e satisfeitos, a suas casas ou às de que, por dádiva ou obrigação, os recebem” (Videira, 2008: 191).



Nesta data, também as roupas que se vestiam eram importantes: as mulheres mais velhas vestiam cocas ou mantilhas, enquanto que as raparigas mais novas usavam roupas em cetim e crepes da China (Gordo, 2004).

Finalmente, às 11 horas, aparecia a Aleluia; o coro calava-se e senhor arcepreste



Figura13 - Celebração da Aleluia na Matriz  
Fonte: S.A.C.M.C.V.

proclamava: “Glória in excelsis Deo!”. A campanha paroquial fazia-se ouvir ao mesmo tempo que milhares de outros guizos e chocalhos. Neste momento, os rebanhos começavam a entrar na vila, as filarmónicas

percorriam as várias ruas e os foguetes rebentavam no ar (Videira, 2008).

Actualmente, o Sábado de Aleluia comemora-se de outra forma. De manhã realiza-se o mercado dos borregos, em que os vários lavradores trazem para a frente da Matriz os seus rebanhos e esperam que estes sejam benzidos, para depois poderem ser vendidos.



Figura 14 - Chocalhada  
Fonte: S.A.C.M.C.V.

Às 21 horas, tem início na Igreja Matriz a Vigília Pascal, que celebra a Ressurreição de Jesus. A *Aleluia*<sup>17</sup> não é cantada pelo celebrante desde o início da Quaresma. Durante esta celebração, é frequente a realização de vários baptizados, sobretudo de adultos. A Aleluia “aparece” por volta das 23 horas e pessoas aguardam com ansiedade no “Lajeado”, com os chocalhos

<sup>17</sup> Esta palavra hebraica significa *louvai a Deus*. Na liturgia judaica e cristã é um cântico de exclamação de alegria.

nas mãos, “(...) envolvidos em papel de jornal para respeitar, em silêncio, a liturgia, até que o celebrante, acenasse para o despertar da manifestação profana” (Gordo, 2004:7).

Hoje em dia não são apenas os mais novos que estão apetrechados com chocalhos, mas gente de todas as idades e de toda a parte do país e até mesmo do estrangeiro.

Após o aparecimento da Aleluia, todos seguem com os seus chocalhos a Banda União Artística, pelas ruas de Castelo de Vide.

Os chocalhos fazem-se ouvir na noite de sábado, como forma do povo manifestar a sua alegria pela ressurreição de Jesus Cristo. Antigamente, estes eram retirados dos animais como forma de penitência, desde quinta-feira até sábado, e como não era possível trazerem-se os animais para dentro da igreja passaram a trazer-se apenas os seus chocalhos. Na maioria dos casos, os chocalhos que as pessoas trazem para a “chocalhada”, não pertencem a nenhum animal, foram propositadamente adquiridos para esta celebração. Ainda hoje, apesar de já não ser tão usual como antigamente, alguns pastores do concelho de Castelo de Vide tiram os chocalhos e guizos dos seus animais quando lhes morre algum familiar.

A noite termina em casa, onde se degustam os tradicionais doces da época.

### **3.3.1.7. Dia da Ressurreição (Domingo de Páscoa)**

Este dia é também denominado pelo povo como a *Festa das Flores*. A Procissão da Ressurreição é uma tradição ao abrigo de um protocolo com mais de 400 anos, em que a Câmara Municipal de Castelo de Vide convida todas as instituições do concelho a trazerem os seus estandartes para participarem no



Figura15 - Procissão da Ressurreição – Cavalos da GNR  
Fonte: Própria



cortejo. A herança judaica faz-se notar nesta tradição, uma vez que durante o



Figura 16 - Procissão da Ressurreição – Bombeiros Voluntários  
Fonte Própria

século XV os cristãos-novos dominavam a câmara e a Misericórdia, estabelecendo que a procissão fosse realizada pelo município, tendo a igreja concordado (Fauvrel, 1994). Não fazem parte desta procissão imagens religiosas, sendo o pároco o representante da Igreja, ele também um convidado pelo município.

Participam todos os mestres de ofícios, entidades e associações locais, incluindo a Câmara, sendo o mais jovem dos vereadores quem transporta o estandarte do Município. A procissão percorre as duas ruas principais de

Castelo de Vide, Carreira de Cima e Carreira de Baixo, culminando na Igreja Matriz, onde se segue a missa<sup>18</sup>, oferecida pelo padre a todas as instituições. Durante o cortejo, podem apreciar-se as mais belas colchas e mantas colocadas nas janelas e



Figura 17 - Procissão da Ressurreição – Estandartes  
Fonte Própria

varandas, como forma de decoração festiva.

Actualmente, são mais de cem estandartes, bandeiras e pendões que participam neste cortejo, que a convite do presidente da câmara entram no município a partir das 10 horas da manhã. Depois de todos reunidos e de uma pequena recepção nos Paços do Concelho, todos os participantes seguem

---

<sup>18</sup> Durante a celebração da missa, no momento da elevação, quando o celebrante ergue o cálice e a hóstia, a fanfarrinha dos bombeiros toca a anunciar a ressurreição.

para a Igreja Matriz, local de onde sai o cortejo já alinhado.



Figura 18 - Procissão da Ressurreição – Executivo camarário e entidades oficiais  
Fonte: Própria

representação do município, como entidade mais antiga do concelho. À sua frente posiciona-se a Igreja, Misericórdia e as Juntas de Freguesia. A terminar toca a Banda União Artística, seguindo-se a população em geral. Cada estandarte é transportado por um elemento da instituição representada

A procissão segue sempre a mesma ordem: é encabeçada pelos cavalos da Guarda Nacional Republicana, seguindo-se a Fanfarra dos Bombeiros Voluntários de Castelo de Vide, depois as entidades mais recentes até às mais antigas. No fim do cortejo encontra-se a



Figura 19 - Executivo camarário e entidades oficiais - Cumprimentos  
Fonte: Própria



Figura 20 – Missa de Domingo de Páscoa  
Fonte: S.A.C.M.C.V.

e ladeado por outros dois elementos da mesma instituição. Existem instituições que são sempre representadas pelas mesmas pessoas, como é o caso das empresas do concelho, outras têm novos elementos anualmente, como os grupos onomásticos.

No final das celebrações, a Câmara, que representa o povo, bem como o pároco são cumprimentados por todas as entidades e por todas as pessoas.



No entanto, já antes da Procissão os autarcas receberam cumprimentos nos Paços do Concelho.

A vila fica praticamente deserta até às 15h, pois as famílias estão a partilhar a refeição mais importante do ano. É provável que seja dada mais importância à Páscoa que ao Natal pelas gentes de Castelo de Vide.

### **3.3.1.8 Festa de Nossa Senhora da Luz (Dia de feriado municipal – Segunda – feira de Páscoa)**

A ermida da Sra. Da Luz situa-se a cerca de três quilómetros de Castelo de Vide, na estrada que se dirige para Portalegre. Foi fundada em 1609 pelo morgado Francisco Rodrigues Henriques. Chegou a ter três missas por semana e fábrica própria. A festa foi uma das mais concorridas da vila, deixando Castelo de Vide quase deserto quando tinha lugar. As pessoas deslocavam-se para a festa a pé, de carro ou a cavalo.



Figura 21 - Festa da Senhora da Luz

Fonte: S.A.C.M.C.V.

Não eram apenas os Castelovidenses que participavam, mas também gente dos arredores. Era neste dia que todos vestiam as melhores roupas e que demonstravam a sua alegria de viver, esquecendo preocupações (Alexandre, 1976).

Este é o último dia de festa, contando com missa e procissão. Apesar da Senhora da Luz não ser a padroeira de Castelo de Vide, o povo presta-lhe uma enorme devoção. Neste dia, a família Flores, abre as portas da sua quinta que se situa em frente à ermida, e permite que todos desfrutem do seu jardim. Todos vêm apetrechados com merendas, sem esquecer o folar, e, vão saboreá-lo nas proximidades da ermida ou então para a Barragem de Póvoa e Meadas.

A seguinte grelha permite-nos comparar como eram realizadas as práticas celebrações na primeira metade do século XX e a actualidade.



<b>1ª metade do século XX</b>	<b>Hoje</b>
Colchas à janela	Realiza-se da mesma forma
Jejum de carne nas sextas-feiras da Quaresma e entre Quinta-feira Santa e Sábado de Aleluia	Ainda é praticado por algumas pessoas
Matracas, em substituição do toque dos sinos entre Quinta-feira Santa e Sábado de Aleluia	Realiza-se da mesma forma
Retirar os chocalhos aos animais quando morre um familiar	Ainda se realiza, mas raramente
Procissão dos Santinhos ( 1º Domingo da Quaresma)	Não se realiza
Procissão dos Terceiros (Domingo de Ramos)	Não se realiza
Bênçãos dos Ramos (Domingo de Ramos)	Realiza-se da mesma forma
Procissão da Palma (Domingo de Ramos)	Não se realiza
Procissão do Senhor dos Passos (Domingo de Ramos)	Algumas alterações no percurso, não estão incluídas as Bandeiras de Procissão, não são os Irmãos da Confraria das Almas quem transporta os andores
Procissão do Senhor dos Passos para a Matriz (Domingo de Ramos)	A imagem do Senhor dos Passos já não vem escondida
Aleluia (Sábado de Aleluia) após manhã pelas 10 horas na bênção do Lume-Novo	Às 21 horas tem início a Vigília Pascal (celebra a Ressurreição de Jesus)
Bênção dos borregos (Sábado de Aleluia) após o aparecimento da Aleluia	De manhã, às 10 horas
Chocalhada (Sábado de Aleluia) pelas 11 horas após o aparecimento da Aleluia	À noite após o aparecimento da Aleluia, cerca das 23 horas
Matança do borrego, sempre após a bênção	Em qualquer altura

Procissão da Ressurreição (Domingo de Páscoa)	Realiza-se da mesma forma
Missa de Domingo de Páscoa	Realiza-se da mesma forma
Festa da Senhora da Luz (Segunda-feira de Páscoa)	Realiza-se da mesma forma, mas sem a importância de outrora

Tabela 9 – Práticas e celebrações na primeira metade do século XX e a actualidade

### 3.3.2. Gastronomia Pascal

As receitas pascais contribuem para a singularidade da Páscoa de Castelo de Vide. A religião e a gastronomia estão intimamente ligadas. Sendo este um meio rural, com uma cozinha sobejamente conhecida, a gastronomia pascal é de enorme importância. Durante a Semana Santa, a questão da



Figura 22 - Boleimas e bolos da massa com D. Elisa e D. Belmira  
Fonte: Foto cedida por Elisa Chaves

alimentação está sempre presente, quer pelas restrições “impostas” pela Igreja Católica, quer pelo facto de no Domingo e Segunda-Feira de Páscoa se poderem apreciar os pratos à base de carne de borrego.

As especialidades gastronómicas nascem sobretudo das mãos das senhoras mais idosas da

família e eram quase sempre exclusivas nas casas dos castelovidenses. Actualmente, devido a uma enorme procura turística, é fácil encontrar estas refeições, durante a Páscoa, em qualquer dos restaurantes da vila.

O borrego não falta nas mesas das gentes da vila, principalmente no almoço de Domingo de Páscoa, em pratos como o sarapatel e o ensopado.

Os “bolos de festa” (chamam-se assim porque eram típicos da Páscoa – Festa das Flores), confeccionados durante toda a semana, são apreciados por todos. A tradição destes bolos é muito antiga, tendo sido as suas



Figura 23 - Sarapatel  
Fonte: <http://omeucapote.blogspot.pt/>

receitas passadas de geração

em geração. Antigamente, apenas na altura da Páscoa se podiam apreciar estas pequenas delícias, mas actualmente podem ser adquiridas em qualquer altura do ano e praticamente em todas as pastelarias da vila, devido a uma imensa procura por parte dos turistas, mas também dos locais.

Os “bolos de festa” são as queijadas e os folares, estes últimos assumindo variadas formas. São confeccionados, na sua maioria, na figura de lagarto, decorados com amêndoas brancas e com um ovo cozido na boca.

Faz parte da tradição nesta altura festiva os padrinhos oferecerem aos afilhados amêndoas ou um folar (Modesto, 1999).

O borrego que foi benzido e vendido na manhã de Sábado de Aleluia, sendo morto nessa mesma tarde. A sua pele é vendida a um dos muitos negociantes de curtumes. Quase todas as famílias adquirem um borrego e mantêm a tradição de o matar em casa, aproveitando o sangue para fazer o sarapatel. Todos estes costumes vão ao encontro com os rituais da Páscoa judaica, tal como é referido no Livro do Exôdo (12, 1-13). A gastronomia pascal é fortemente influenciada pela presença judaica, não apenas em relação ao borrego, como referi anteriormente, mas também em relação aos “bolos de festa”, que tal como é referido no livro citado anteriormente, a massa não é levedada (Ex. 12, 15).

Na grelha seguinte, verificam-se as alterações entre a primeira metade do século XX e a actualidade relativamente à gastronomia pascal.

<b>1ª metade do século XX</b>	<b>Hoje</b>
Sarapatel (comia-se ao almoço de Sábado de Aleluia)	É um dos pratos mais tradicionais da Páscoa e é tradicional no Almoço de Domingo de Páscoa
Borrego assado (prato principal do almoço de Domingo, também se levava na merenda na Segunda-feira de Páscoa)	Continua a ser o prato principal e um dos mais apreciados
Molhinhos	Não é um dos pratos principais, mas faz parte da ementa de muitas famílias
Cachafrito	Prato muito comum durante a Páscoa
Ensopado de borrego	Prato muito comum durante a Páscoa
Bolos de festa (Folar, Bolo Finto, Queijadas, Boleimas e Bolos da Massa), cozidos nos vários fornos da vila	São confeccionados em qualquer altura do ano. São degustados Sábado, depois da Aleluia

Tabela 10 – A gastronomia na primeira metade do século XX e a actualidade

### **3.4. A Herança Judaica na Páscoa de Castelo de Vide**

#### **3.4.1. Alguns factos históricos sobre o judaísmo em Portugal**

“Mais antigos na Península que os mouros, os godos e os romanos, os judeus iam buscar às épocas longínquas da Bíblia a origem do seu assento no país; e ora alegavam que os primeiros da sua estirpe tinham vindo, trazidos da Babilónia, por Nabucodonosor, ora pretendiam que já antes no tempo de Salomão, fora a Espanha vassala e tributária desse grande rei. Se bem que careçam de fundamento histórico tais razões, com que desde o século XIV, os judeus perseguidos reclamavam o direito de viver na terra que seus maiores por tantos anos tinham habitado, certo é que antiquíssima foi a data da sua vinda, e precedentes a quaisquer memórias, tradições ou monumentos existentes da antiga Espanha” (Azevedo, 1975:1).

Tal como refere Canelo (1987), não é possível conhecer a data em que os primeiros Judeus chegaram à Península Ibérica; sabe-se, no entanto, que a

sua existência é bastante remota. Terão chegado durante do reino do de Salomão (970-931 a.C.), com os comerciantes de Tiro, os fenícios, que dominavam os mares naquela época.

Existem relatos referindo que, durante o século I, cerca de cinquenta mil judeus se estabeleceram no sul da Península Ibérica, tendo este número vindo a aumentar com a Diáspora, ou dispersão do povo hebreu pelo mundo. Devido à destruição do Segundo Templo de Jerusalém, houve um acréscimo da população judaica na Península, tornando-a no maior e mais importante centro do mundo judaico na Diáspora. Devido à criação destas novas comunidades, existiu um enorme desenvolvimento cultural, científico e também económico na Península Ibérica.

Contudo, a primeira referência conhecida da existência de judeus na Península é o fragmento de um epitáfio do século V com candelabro (menorah); esta inscrição sepulcral encontra-se exposta no Museu Municipal de Mértola.

Quando a monarquia portuguesa foi fundada, já os judeus se haviam instalado em Portugal há vários séculos; “quando Afonso Henriques tomou aos mouros Santarém, já lá existia a sinagoga, que foi, parece, a mais antiga do país, sinal evidente de ser numerosa no local a população judaica” (Azevedo, 1975:7). Existem relatos referindo que estes viviam na corte a partir do século VII.

Até meados do século XIV, viveu-se um clima de tolerância em toda a Península Ibérica. No entanto, na vizinha Espanha a situação agravou-se, terminando nos confrontos de 1391, em que muitos judeus espanhóis procuraram refúgio no nosso país. Um século mais tarde, com a instauração da Inquisição e a dos judeus de Espanha, inúmeros judeus e *marranos*<sup>19</sup> cruzaram a fronteira para Portugal.

---

<sup>19</sup> Nome em espanhol para judeus convertidos ao Cristianismo que se mantiveram ligados ao Judaísmo. A palavra tem conotação pejorativa, significando geralmente “suíno” e é frequentemente aplicada a criptojudéus, mas em particular aos de origem espanhola.” (Unterman, 1994:166)

### 3.4.2. A Gastronomia Judaica

A cultura de um povo pode muitas vezes ser vista através da história da sua gastronomia. No entanto, mesmo dentro da mesma religião, encontram-se hábitos alimentares diferentes. No caso da religião judaica, este facto verifica-se devido às perseguições que este povo sofreu, tendo os judeus que adequar a sua alimentação de acordo com a região em que se encontravam.

A cozinha judaica é aquela que, provavelmente, apresenta actualmente mais preceitos religiosos, designados como leis dietéticas. Estas leis dietéticas “ (...) foram interpretadas em si mesmo, como medidas sanitárias dissimuladas, como meio de testar a obediência de Israel a Deus ou como uma forma de trazer a felicidade e a perfeição moral”. (Unterman, 1994:81)

Os alimentos que podem ser consumidos pelos judeus, têm de ser considerados *kosher*, ou seja, têm de estar de acordo com os detalhes das leis dietéticas. Estes detalhes são bastante extensos, no entanto derivam de princípios gerais bastante simples, tais como:

- Nem todos os animais podem ser consumidos. Todos os animais que não tenham as patas fendidas em dois cascos e que não sejam ruminantes, são considerados impuros, logo de consumo proibido;

- São proibidas as aves carnívoras e necrófagas;

- Animais marinhos sem escamas e que não tenham carapaça ou concha, são também proscritos;

- Não são apenas os animais anteriormente enumerados cujo consumo está proibido, mas também o seu leite e ovos;

- Nem todas as partes dos animais autorizados podem ser consumidas, como é o caso dos órgãos que não garantam estar em perfeitas condições físicas;

- Antes do animal ser consumido, todo o seu sangue deve ser drenado;

- Animais mortos por outros animais, por acidente, por doença ou com deficiências físicas são também proibidos;

- A carne dos mamíferos e aves não pode ser consumida em conjunto com produtos lácteos;

- São considerados puros os seguintes alimentos: frutos, vegetais, cereais e peixe, que podem ser misturados ou consumidos com carne. Existem no

Judaísmo algumas facções que defendem que o peixe não deve ser ingerido em conjunto com a carne;

- Não podem ser consumidos produtos derivados das uvas;

- Os utensílios utilizados na carne e nos produtos lácteos não podem ser os mesmos, uma vez que se estes se tocarem, tornam a comida impura.

A explicação para o facto dos órgãos dos animais *kosher* não serem consumidos, deve-se à dificuldade de detectar qualquer defeito interno e também porque alguns deles podem possuir uma grande quantidade de sangue, sendo impossível drená-lo.

A carne consumida pelas famílias praticantes duma alimentação *kosher*, é toda ela submetida a uma lavagem e drenagem do sangue, através da ajuda do sal.

O porco, apesar de ter características de animal *kosher*, está proibido pelas leis dietéticas. Unterman (1994) caracteriza-o como um animal impuro e que transmite uma imagem de imundice. Ao ser ingerido, a sua carne obstrui a alma e provoca luxúria animal, impedido alcançar a santidade. O facto dos suínos terem vários órgãos internos semelhantes ao ser humano leva a que, "(...) quando uma doença se espalha entre os porcos, os judeus devem declarar um jejum, pois isso pode ser o presságio de uma epidemia na comunidade" (Unterman, 1994:210).

Relativamente à matança dos animais – *shechitá* – esta deve também seguir um ritual: deve ser rápida, de modo a que o animal não sofra, com a ajuda de uma faca bem afiada que atravesse a jugular e a traqueia. Este ritual deve ser realizado por um judeu adulto, do sexo masculino e treinado: *shochet*. Unterman (1994) indica também que, antes do abate, o *shochet* faz uma bênção e, no caso de animais não domesticados, o sangue é coberto de terra.

O sangue dos animais não faz parte da alimentação dos judeus, uma vez que eles consideram o sangue fonte de vida e esta não deve ser ingerida por outro ser. Relativamente ao vinho, por norma, os judeus não o consomem, mas quando o fazem bebem o que é considerado *kosher*<sup>20</sup>. Para os judeus o vinho é

---

<sup>20</sup> Um vinho só é considerado *kosher* quando as uvas são provenientes de vinhedos com mais de quatro anos. Desde que as uvas são prensadas e até ao seu engarrafamento, o vinho não pode ser tocado, e, em certos casos, até mesmo visto, por um não-judeu ou por algum judeu não religioso. Todas as substâncias utilizadas no processo, como levedos, sulfitos, ácido tartárico terão que ser obrigatoriamente *kosher*.

uma bebida relacionada com os sacrifícios dos pagãos a Deus e como a sua Lei ordena que sejam diferentes dos outros povos, eles evitam práticas idênticas.

### **3.4.3. Os Judeus em Castelo de Vide**

Como referem Balasteros e Oliveira (1993), apesar de não existirem provas concretas da existência de judeus em Castelo de Vide antes do século XIV, é bastante provável que esta comunidade habitasse anteriormente esta vila.

O grande êxodo dos judeus para Portugal ocorreu aquando da sua expulsão, por parte dos Reis Católicos, em 1492 foram escorraçados de Espanha. Durante o século XV, estima-se que tenham existido entre 30 a 40 mil Judeus em Portugal, tendo este número subido para próximo de 100 mil após a referida expulsão. Este povo representava, então, cerca de 10% da população portuguesa.

Devido à sua proximidade com Espanha, Castelo de Vide tornou-se numa das mais importantes comunidades judaicas da época, permitindo-lhes continuar a realizar as suas actividades típicas: o comércio e o artesanato. “Os judeus portugueses exerciam actividades ligadas ao artesanato, ao trabalho com metais e ao comércio.” (Fernandes, 1996: 26) Os judeus tinham outras profissões importantes, como rendeiros e recebedores de impostos por conta dos monarcas, e de colectores de rendimentos eclesiásticos; eram também administradores de bens e destacavam-se em funções como físicos, boticários e astrólogos.

Até 1496, os judeus viveram relativamente em paz no nosso país. O rei D. Manuel I chegou a conceder a alguns judeus certos privilégios e acolheu na corte os mais cultos. “Este regime de tolerância explicarse-ia antes de mais por razões de ordem económica, pois os hebreus, virados para as artes industriais e para o comércio, favoreciam a criação de fontes de



Figura 24 – Rua do Mestre Jorge  
(Judaria de Castelo de Vide)  
Fonte: Própria



riqueza que eles, evidentemente, eram os primeiros a aproveitar mas que de modo nenhum deixaria de interessar à economia em geral” (Canelo, 1987: 23). No entanto, devido ao casamento do rei D. Manuel com a princesa D. Isabel, a tranquilidade dos Judeus estava a terminar, pois no contrato de casamento existia uma cláusula que exigia a expulsão dos hereges (mouros e judeus) do território português. Esta medida acabava por contradizer a tolerância do rei, que, devido“ (...) ao desejo de agradar a sua futura mulher, a princesa D. Isabel, filha dos Reis Católicos e viúva do desditoso D. Afonso, levou-o à publicação do decreto de expulsão” (Macedo, 2004: 10).

A 5 de Dezembro de 1496, D. Manuel assinou o decreto de expulsão dos hereges de Portugal, dando-lhes até 31 de Dezembro para abandonarem o país. O rei permitiu que os Judeus escolhessem entre a conversão e o exílio, na esperança em que muitos se acabassem por baptizar. A maioria deles acabou por abandonar o país, mas em Castelo de Vide foram muitas as famílias que se converteram ao cristianismo e que conseguiram, através de rituais cristãos, mascarar as suas crenças religiosas.

A Inquisição ou Tribunal de Santo Ofício, teve a sua entrada em Portugal no ano de 1536. Também exerceu a sua actividade nesta região, no entanto, como “ (...) os Cristãos Novos ocupavam cargos importantes na administração local e eram famílias abastadas com peso na comunidade, talvez a razão de



Figura 25 – Sinagoga de Castelo de Vide  
Fonte: Própria

cedências de parte a parte, o que permitiu a coexistência pacífica e a aculturação de ambas as comunidades” (Mendes, 2009: 22).

A Judiaria de Castelo de Vide situa-se na encosta virada a nascente, na zona mais íngreme, húmida e sombria, estendendo-se pelas ruas

medievais da Fonte, do Mercado, do Arçário, do Mestre Jorge, da Judiaria e ainda pelas actuais Rua dos Serralheiros e Rua Nova. “As judiarias tinham





Para os Judeus “festa maior era a Páscoa que, por questões de segurança, faziam coincidir com a Páscoa católica. Estas comemorações requeriam intensos preparativos: limpezas das casas, orações três vezes por dia e reuniões entre famílias” (Fernandes, 1996: 115).

Algumas tradições judaicas ainda hoje fazem parte das celebrações pascais de Castelo de Vide, nomeadamente a partir da tarde da Sexta-Feira Santa.



Figura 27 - Venda dos cordeiros  
Fonte: S.A.C.M.C.V.

No sábado de manhã procede-se à bênção dos cordeiros frente à Matriz, em que o pároco sai da igreja depois de fazer uma pequena homília onde cita Moisés e a presença dos Judeus em Castelo de Vide. Muitos castelovidenses só matam o borrego depois desta

cerimónia. A matança do borrego, apesar de constar em várias religiões, mas é na judaica que tem uma maior expressão.

Depois da conversão forçada, os judeus passaram a ter de incluir na alimentação, as vísceras e sangue dos animais, que não faziam parte da sua alimentação. No entanto, este povo criou formas de fugir ao controle da Inquisição e de se proteger das impurezas dos animais. Passaram a aparar o sangue do animal para um



Figura 28 - Morte por degola  
Fonte: Própria

alguidar e, logo após coalhar traçavam uma cruz e ferviam-no de seguida. As tripas lavavam-nas em cal branca para que estas ficassem limpas. Ainda hoje o

borrego em Castelo de Vide é morto de acordo com as leis judaicas, por degola e com a faca mais afiada que exista em casa.

É a nível gastronómico que encontramos várias influências judaicas. O prato principal do Domingo de Páscoa é o Sarapatel, confeccionado com as partes dos animais que os Judeus se recusavam a comer. Este prato é preparado com sangue escaldado, pão, laranjas e as vísceras do borrego. Os cristãos-novos através do Sarapatel, mostravam à Inquisição que tinham esquecido completamente a sua antiga religião.



Figura 29 - Sangue do cordeiro  
Fonte: Própria

O Cachafrito é o segundo prato e consiste na carne de borrego ou

cabrito cortada em pedaços e temperada com sal, alhos e pimentão, é frita numa panela de barro e no final regada com vinho branco, serve-se acompanhado de batatas fritas<sup>21</sup>. Em Espanha existe um prato semelhante, o *cuschiqui*, que surgiu logo após a expulsão dos judeus. Este prato surgiu da necessidade de purificar a



Figura 30 - Venda de peles  
Fonte: Própria

carne, sendo esta cozida antes de ser frita.

<sup>21</sup> Em Castelo de Vide confecciona-se esta mesma receita com coelho manso, que não é no entanto nenhum prato de Páscoa.

Os molhinhos com tomatada fazem também parte das iguarias de Domingo de Páscoa. Este prato típico é feito com as tripas do borrego que anteriormente foram lavadas com cal e sal. Neste dia a única carne servida nas mesas dos castelovidenses é mesmo o borrego.

Relativamente aos doces destaca-se o Folar, o Bolo Finto, as Queijadas, as Boleimas e os Bolos da Massa. O Bolo da Massa tem uma preparação semelhante ao Pão Ázimo: é feito com água, farinha, azeite e sal. A este bolo em alturas festivas começaram a juntar-lhe açúcar, canela e doce de maçã, resultando nas boleimas. Nesta região, o Bolo Finto e o Folar têm uma forma de cruz, de coração ou até mesmo de um lagarto.

### **3.5. A Autenticidade da Páscoa de Castelo de Vide**

Para se verificar a autenticidade das celebrações pascais de Castelo de Vide, além de recorrer a registos bibliográficos, nada melhor que conhecer também as memórias dos mais velhos.

Quando se pergunta o que mudou na Páscoa de Castelo de Vide nos últimos anos, todos aqueles com quem falei são unânimes em dizer que antigamente esta era uma festa de família e que em todas as celebrações religiosas havia uma participação mais activa da população. Referem também que, anteriormente, não havia tantos turistas, eram apenas os habitantes do concelho e os seus familiares que vinham “à terra passar a festa”. Ninguém esquece também que até à Década de 70 do século passado, a Aleluia acontecia sempre de manhã, por volta das 10 horas.

Recordando a Páscoa de alguns anos atrás, ficam os testemunhos de várias pessoas, do que se realizava e que com o tempo foi caindo no esquecimento.

Quando perguntei à D. Maria Augusta Freitas, de 88 anos, como era a Páscoa antigamente, começou logo por referir que a Quaresma tinha início na Quarta-Feira de Cinzas e que a primeira celebração se realizava no Domingo seguinte, com a Procissão dos Santinhos. Esta procissão saía da Igreja do Convento de São Francisco, em direcção à Carreira de Baixo, seguia pela Carreira de Cima e regressava ao convento. Quando a D. Maria Augusta fez referência a esta celebração, a sua amiga D. Clara Bugalho também se



recordou, pois desde os finais da Década de 30 do século passado que não se realiza. Era chamada de Procissão dos Santinhos<sup>22</sup>, porque eram catorze ou quinze as imagens que nela seguiam.



Figura 31 – Imagens pertencentes à Procissão dos Santinhos  
Fonte: Própria

As senhoras entrevistadas referiram, também, que até ao Sábado de Ramos não se realizava mais nenhum acontecimento religioso, não havia bailes, casamentos nem baptizados. No Sábado de Ramos, pelas 21 horas, o Senhor Morto no Esquife era levado da Matriz para o Calvário. No dia de Ramos as diferenças mais significativas são sobretudo no que diz respeito às procissões, que actualmente ainda se realizam mas não da mesma forma. As mesmas senhoras referiram que “dantes a Procissão de Domingo de Ramos era mais bonita, porque havia muitas crianças vestidas de anjinhos” e outras levavam os martírios (ferramentas que representam o sofrimento de Jesus)<sup>23</sup>. Nesta procissão seguem as imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora e São João Evangelista. Nessa noite a imagem do Senhor dos Passos fica no Calvário, enquanto que às 21 horas se realiza uma procissão em que Nossa Senhora e São João regressam à Igreja Matriz. Antigamente, tal como ambas recordam, mais ou menos pelas 23 horas, um grupo de homens dirigia-se ao Calvário e trazia às escondidas a imagem do Senhor do Passos. Cada

<sup>22</sup> As imagens desta procissão, remontam ao século XVIII e actualmente encontram-se expostas no Museu de Arte Sacra Cónego Albano. As imagens femininas são imagens de roca ou santas de vestir, e são as seguintes: Santa Bona, Santa Jacinta, Santa Maria Madalena, Santa Rosa Viterbo, Santa Margarida de Cortona, Rainha Santa Isabel de Portugal e Santa Isabel da Hungria. As imagens masculinas são santos de vulto e representam os seguintes beatos: São Luís Rei de França, São Lúcio, Santo Ivo, São Roque, dois São Francisco de Assis e ainda um santo sem referência.

<sup>23</sup> Nos últimos anos esta tradição tem vindo a ser recuperada, através das crianças que frequentam a catequese.

pessoa trazia um artefacto, um trazia a cruz, outro a coroa de espinhos e a imagem vinha coberta com um pano.

A D. Maria Augusta Freitas refere ainda duas outras celebrações que se perderam com o tempo, ambas na Quinta-feira Santa. A primeira tinha lugar na Igreja Matriz, às 15 horas, era a cerimónia do lava-pés<sup>24</sup>, em que o padre lavava os pés aos ceguinhos que estavam institucionalizados na Fundação Nossa Senhora da Esperança. A outra era a Procissão da Visitação das Igrejas, em que saía da Igreja da Misericórdia, pelas 21 horas, um cortejo que passava por todas as igrejas que tinham o Senhor: Igreja Matriz, São João, Santiago Maior e terminava na Igreja do Convento de São Francisco. Segundo esta senhora, todas as pessoas que seguiam nesta procissão iam em silêncio, num “silêncio bonito”, como faz questão de referir. A Procissão da Visitação das Igrejas não se realiza desde os finais da Década de 30 do século passado.

De acordo com a D. Maria Augusta Salgueiro Maia, de 87 anos, a Páscoa era uma festa muito grande, que se começava a preparar com muita antecedência. Durante a Semana Santa, nos vários fornos que existiam na vila, coziavam-se muitos tabuleiros de Bolos de Festa (ou bolos fintos), Biscoitos Escaldados, Pão-de-ló e Queques. As senhoras chegavam a estar várias horas à espera de vez e os fornos trabalhavam dia e noite.

A D. Helena Dias de 88 anos, recorda que desde quarta-feira até sábado de manhã, os santos e os altares da Igreja Matriz estavam cobertos com panos pretos e roxos, em sinal de luto. Estes panos só eram retirados quando surgia a Aleluia. A mesma senhora refere ainda que em todas as Sextas-feiras da Quaresma ninguém comia carne, a não ser que pagasse a bula ao padre e, que iam à igreja do Calvário que apenas se encontra aberta na altura da Quaresma e onde está exposta a imagem do Senhor dos Passos.

Até há algum tempo atrás, o hospital de Castelo de Vide, funcionava num edifício pertencente à Santa Casa da Misericórdia, situado no Largo Capitão Salgueiro Maia, fazendo a D. Francisca Azeitona de 83 anos a questão de salientar que a imagem de Nossa Senhora da Soledade se encontrava exposta naquele local, pois pertencia àquela instituição. A D. Francisca refere

---

<sup>24</sup> Quinta-feira Santa é o dia de Lava-pés, esta celebração efectuada pelo sacerdote e dois ministros, consiste em lavar o pé direito de doze homens, imitando o acontecimento em que Jesus, lavou os pés aos seus discípulos após a Última Ceia. Este acto consiste em mostrar humildade.

ainda que na quinta-feira à noite, várias pessoas iam à Igreja Matriz velar o Senhor Morto no esquife, como se de uma pessoa se tratasse; nessa mesma noite quatro pessoas carregavam o esquife até ao Calvário.

Um outro facto importante sobre a época pascal, tinha a ver com as limpezas nas habitações. Esta tradição é certamente uma herança judaica, pois fazia parte da cultura deste povo limpar a casa antes da Páscoa. A D. Rosa Milho, de 81 anos, que vive na Judiaria de Castelo de Vide há mais de 50 anos, refere que na semana antes da Páscoa fazia uma grande limpeza e caíava a sua casa, para que estivesse tudo limpo de modo a receber a família que a visitava nesta altura do ano.

A D. Teresa Esteves, de 83 anos, recorda que todas as pessoas, mesmo as famílias mais carenciadas, matavam sempre o borrego no Sábado de Aleluia depois deste ter sido benzido. Diz também que foi com grande revolta que o povo, sobretudo os castelovidenses que moravam fora do concelho, reagiu à mudança da hora da Aleluia de manhã para a noite.

A mudança da hora, das 10 da manhã para cerca das 23 horas, deveu-se, segundo a D. Maria Augusta Salgueiro Maia, a ter começado a comentar que à noite estaria mais gente presente, o que deu certo.

Joaquim Luís Bugalho, de 69 anos, referiu que era hábito vender a pele do borrego e com o dinheiro resultante da venda se compravam 5 litros de vinho para se beber durante estes dias. Disse também que na segunda-feira seguinte, dia da festa da Senhora da Luz, iam todos a pé até à ermida passar o dia. Nesse dia, comia-se a perna de borrego assada e os namorados passavam o dia com a família das raparigas. À noite faziam-se grandes bailes nas duas sociedades existentes em Castelo de Vide.

De acordo com o Cónego Tarcísio (padre na paróquia de Castelo de Vide), a Procissão da Ressurreição actual é um vestígio da procissão medieval original, em que a acompanhar o estandarte seguia um andor com o santo padroeiro da respectiva profissão.

Após falar com todas estas pessoas verifiquei que foram muitas as tradições que se perderam com os anos, sobretudo as que se realizavam antes de quinta-feira. Estes acontecimentos estão possivelmente relacionados com o encerramento ao culto das Igrejas do Convento de São Francisco e da Misericórdia, que faziam parte importante das celebrações pascais. O facto de



se ter assistido, nos últimos anos, a um abandono da prática da religião católica, pode ter também contribuído para a perda de alguns.

Porém, as celebrações do Domingo de Ramos, a Procissão do Enterro do Senhor, a Bênção dos Borregos e a Procissão da Ressurreição, não sofreram grandes alterações, apenas se verificou a mudança do horário da Aleluia como forma de atrair mais gente a Castelo de Vide.

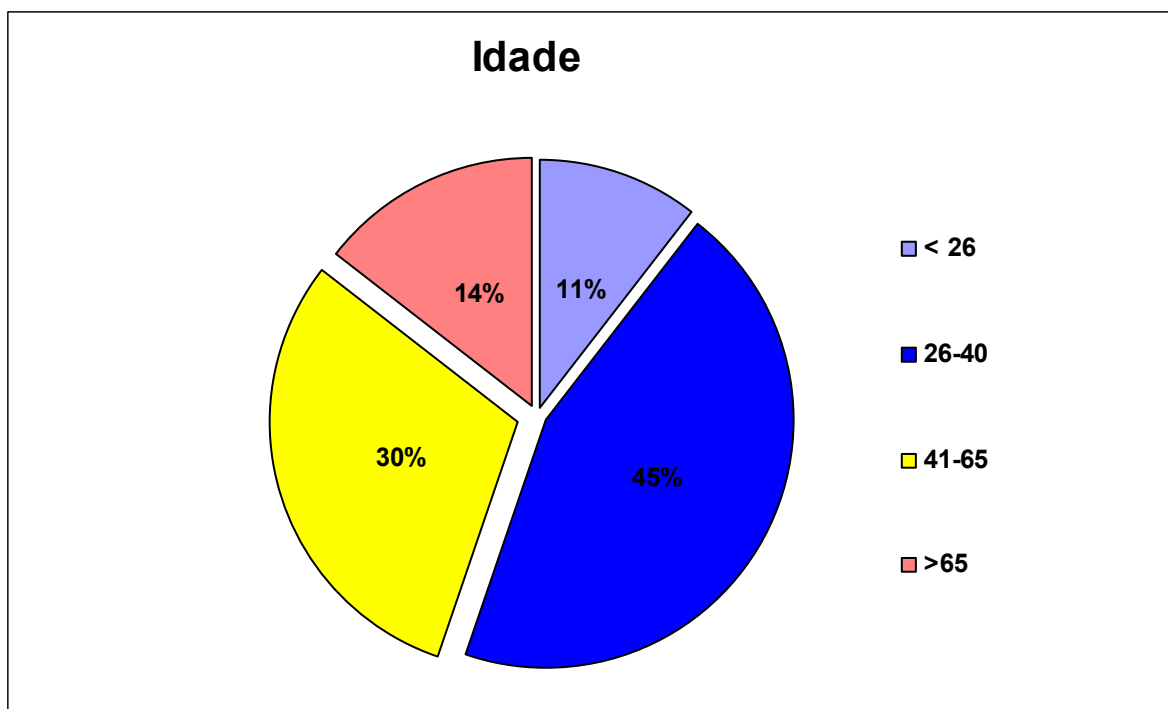
Podemos assim concluir que a Páscoa de Castelo de Vide mantém a sua autenticidade, embora tenha perdido uma grande componente, nomeadamente nas celebrações dos dias de quarta-feira e quinta-feira, que poderia constituir um factor de atracção de mais turistas a esta que já é uma Páscoa de referência, e, provavelmente única.

#### **4. Perfil do turista que visita Castelo de Vide durante a época pascal**

Para determinar o perfil do turista que visita Castelo de Vide durante a Páscoa, os seus conhecimentos sobre a mesma, as suas expectativas e as suas opiniões críticas foram aplicados inquéritos (ver anexo I), estrategicamente distribuídos: Posto de Turismo, Núcleos Museológicos de Castelo de Vide, em três unidades hoteleiras, em restaurantes e em pastelarias. Estes inquéritos estiveram disponíveis entre dia 9 de Abril de 2009 (Quinta-Feira Santa) e 12 de Abril de 2009 (Domingo de Páscoa) e obtivemos um total de 135 respostas, sendo que 113 dos inquiridos, portugueses e os restantes 22 estrangeiros distribuindo-se por diferentes nacionalidades, predominando, todavia, a espanhola.

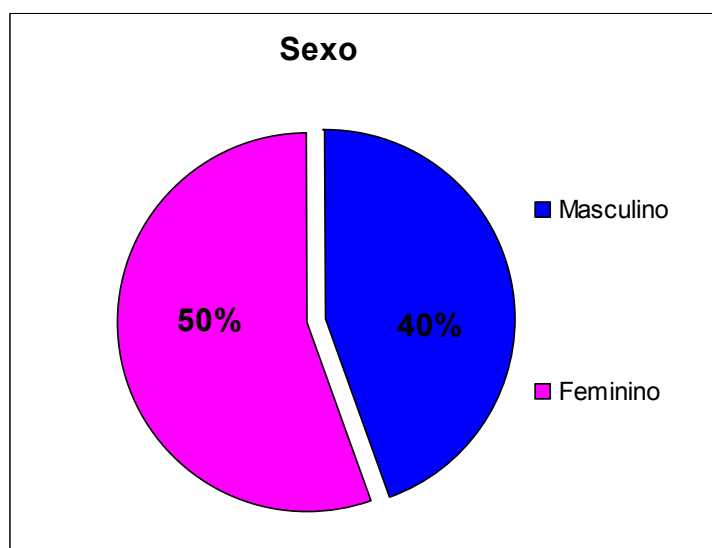
Seguem-se os dados relativos às respostas obtidas.

#### 4.1. Elementos socioculturais e demográficos



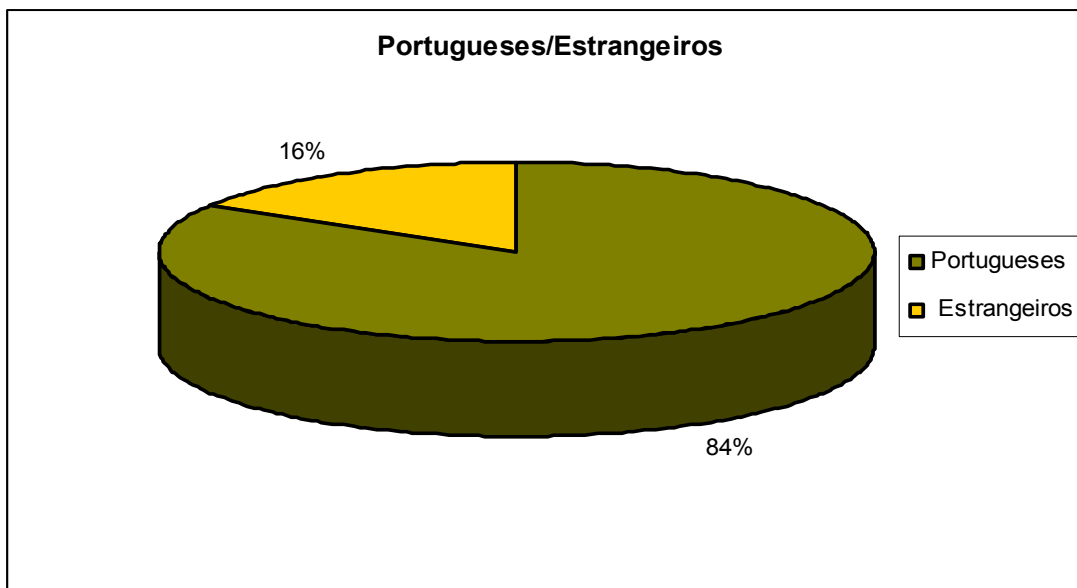
**Gráfico 1 – Distribuição por faixas etárias**

A distribuição por faixas etárias encontra-se dividida da seguinte forma: 59 inquiridos entre os 26 e os 40 anos, 40 entre os 41 e os 65 anos, 15 com mais de 65 anos e 14 com menos de 26 anos.



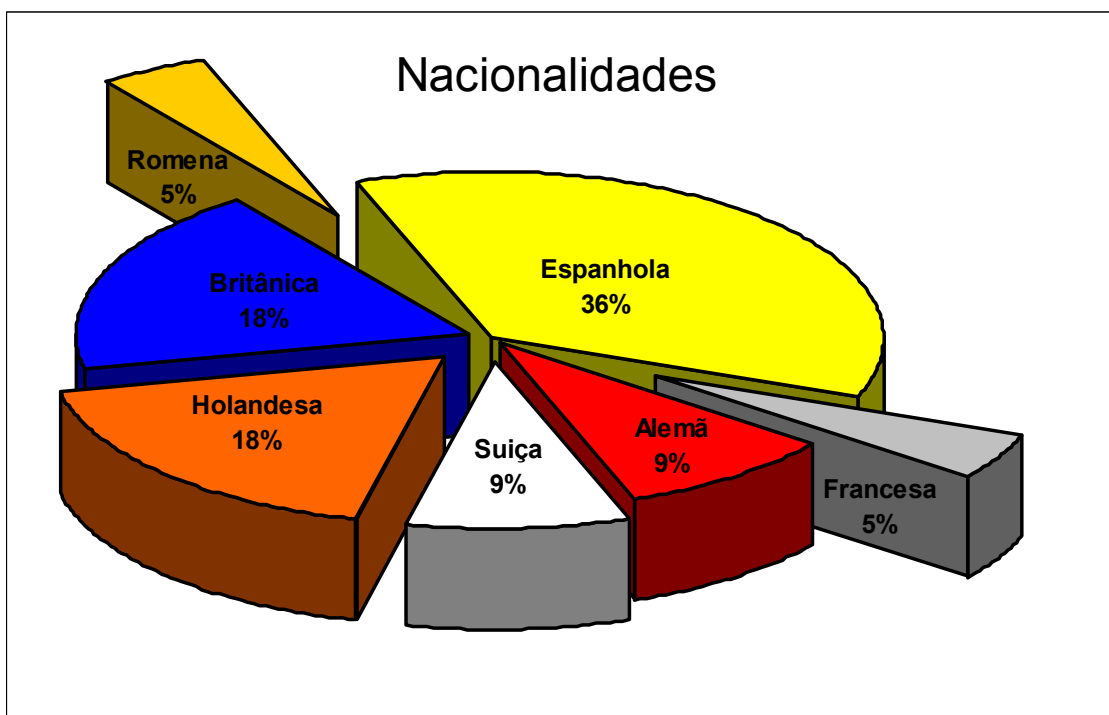
**Gráfico 2 – Distribuição por sexo**

Num total de 90 respostas válidas referentes ao género, 50 das quais foram dadas por visitantes do sexo feminino e 40 do sexo masculino.



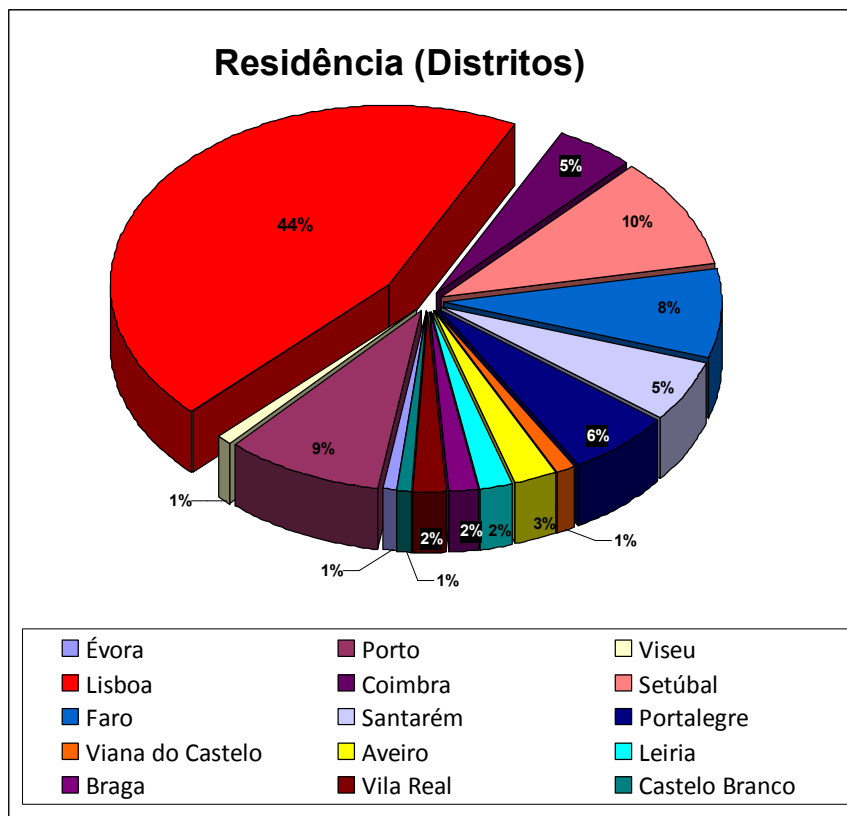
**Gráfico 3** – Distribuição por nacionalidades: Portugueses e Estrangeiros

Num total de 135 inquéritos, 113 foram respondidos por turistas nacionais e os restantes 22 por estrangeiros.



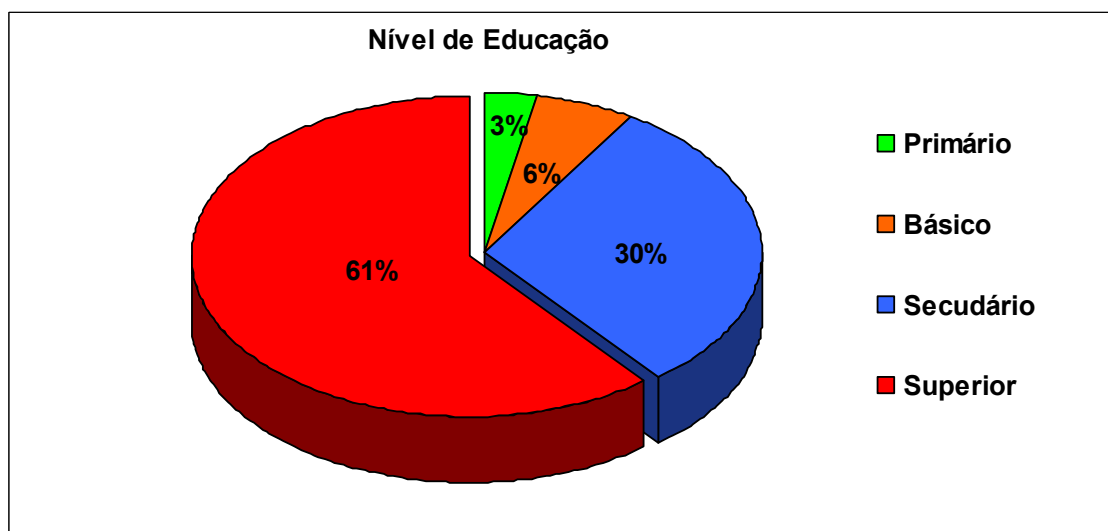
**Gráfico 4** – Distribuição por nacionalidades estrangeiras

De entre as várias nacionalidades, destaca-se a espanhola com 8 visitantes, seguindo-se a holandesa e a britânica com 4, a suíça e a alemã, cada qual com 2, e por último a romena e a francesa, ambas com 1 inquirido.



**Gráfico 5 – Distribuição residência por distritos (nacionais)**

Os visitantes nacionais são originários, na sua maioria, do distrito de Lisboa (50). Seguindo-se Setúbal (11), Porto (10), Faro (9) e Portalegre (7).



Relativamente ao grau académico destaca-se o nível superior com 81 respostas, seguindo-se o nível secundário com 40, o básico com 8 e por último o primário com 4.

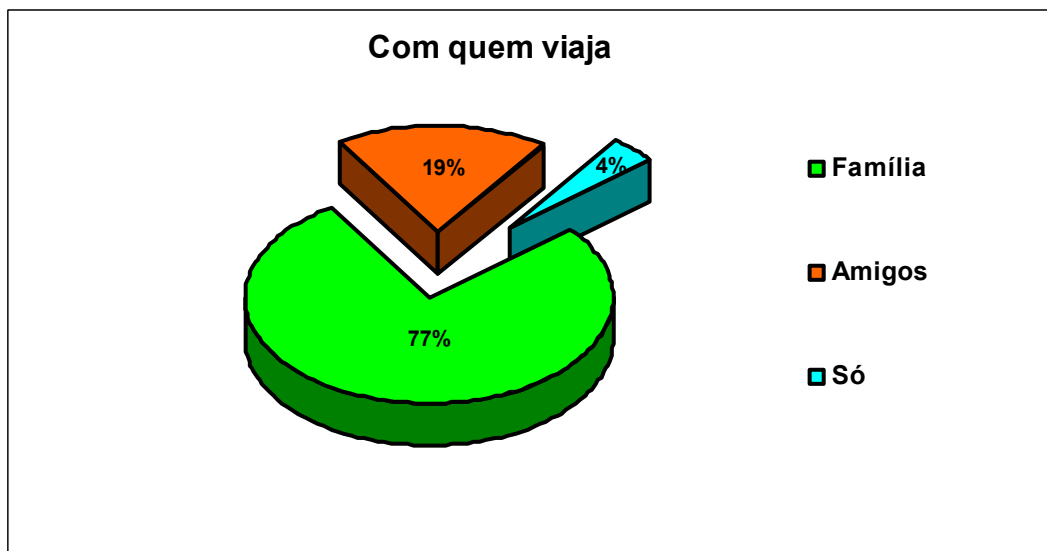


Gráfico 7 – Com quem viaja

Os visitantes da Páscoa de Castelo de Vide fazem-se acompanhar sobretudo pela família (108 inquiridos); já 26 preferem viajar com amigos, enquanto que apenas 6 viajam sozinhos.

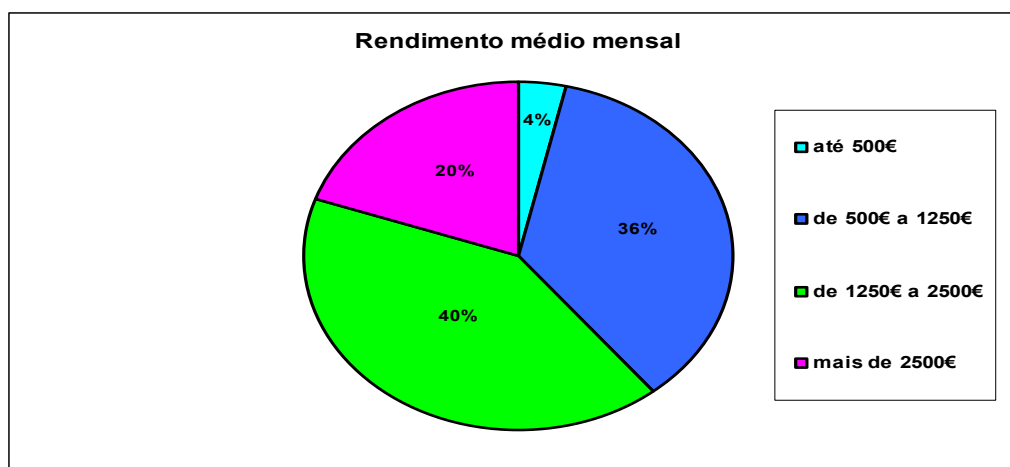


Gráfico 8 – Rendimento médio

No que diz respeito ao rendimento médio mensal, foram obtidas 46 respostas relativas a um valor compreendido entre 1250€ e 2500€, 40 entre 500€ e 1250€, 22 superior a 2500€ e 4 inferior a 500€.

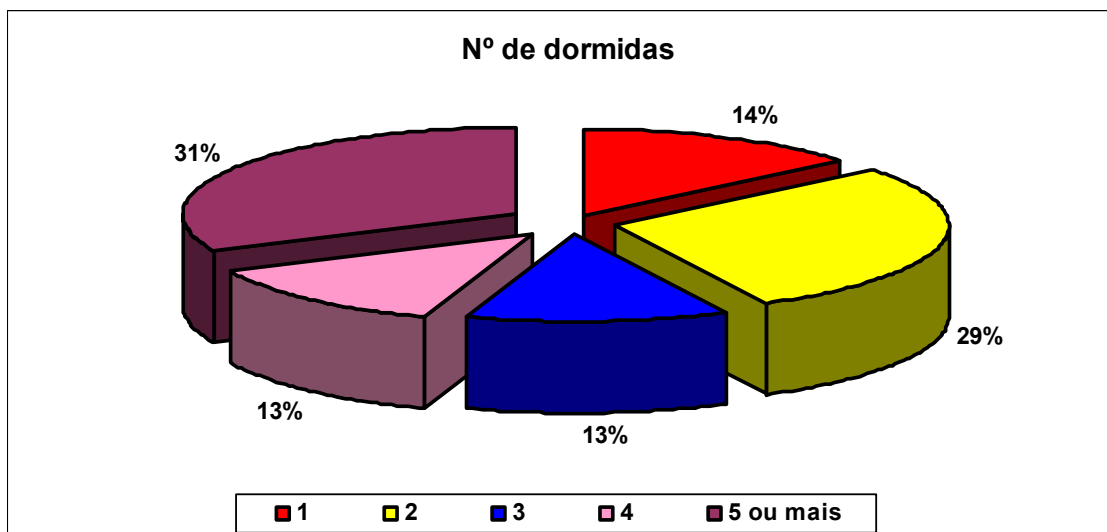


Gráfico 9 – Número de dormidas em Castelo de Vide

De acordo com o número de noites de permanência em Castelo de Vide durante esta época, foi a opção 5 ou mais noites que obteve mais respostas, num total de 30 27 inquiridos responderam que permaneceram duas noites, 13 apenas uma, enquanto que as opções, 3 e 4 noites, obtiveram ambas 12 respostas.

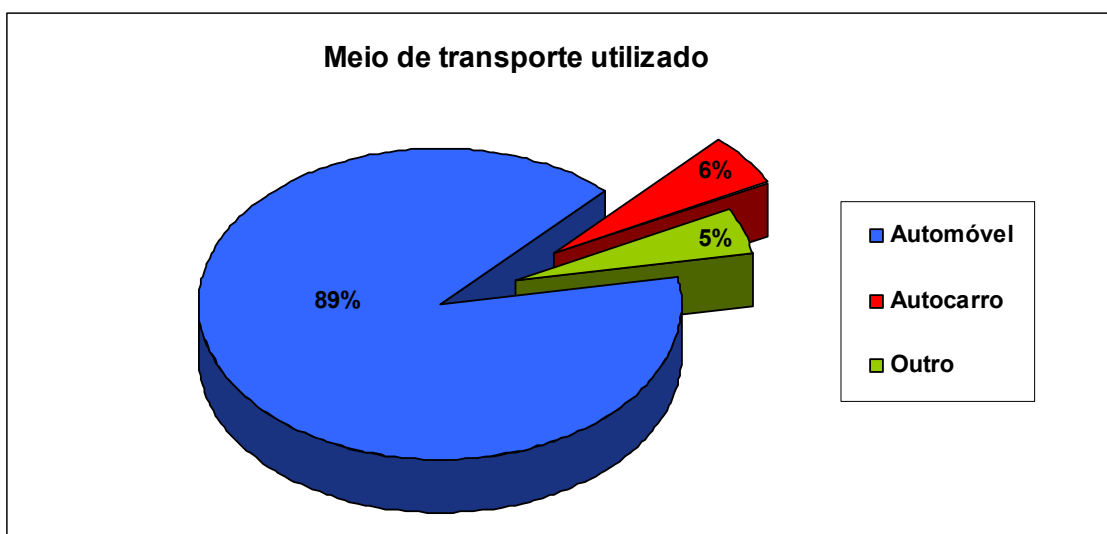


Gráfico 10 – Meio de transporte utilizado

O meio de transporte mais utilizado na deslocação até Castelo de Vide foi sem dúvida o automóvel com 112 respostas, seguindo-se o autocarro com 8 e utilizando outro meio, 6 respostas (auto caravana).

#### 4.2. Características da visita

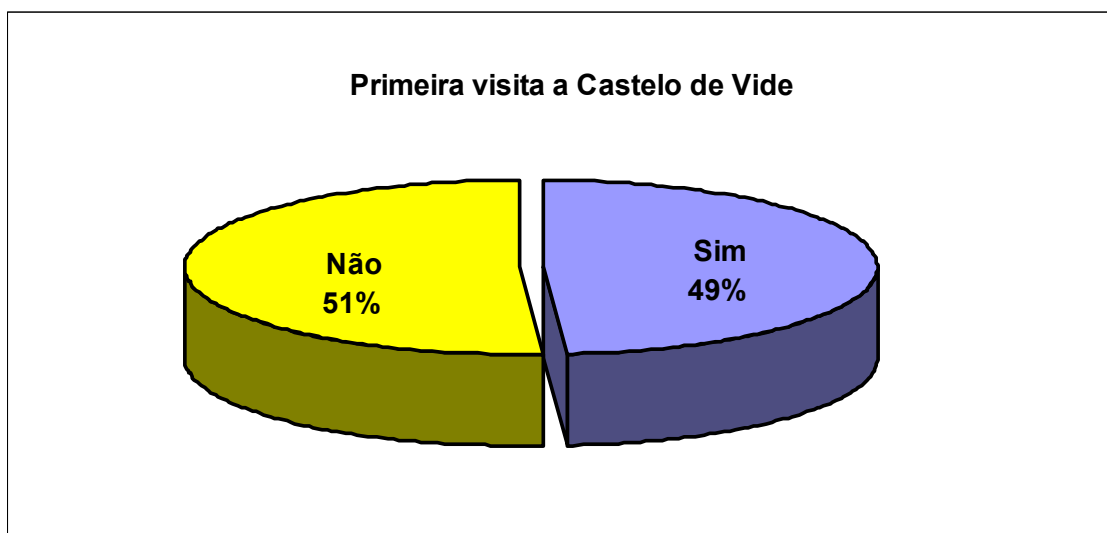


Gráfico 11 – Primeira visita a Castelo de Vide durante a Páscoa

Para a maioria dos inquiridos (72), esta não foi a primeira vez que visitaram Castelo de Vide durante a Páscoa, tal aconteceu para os restantes 69.

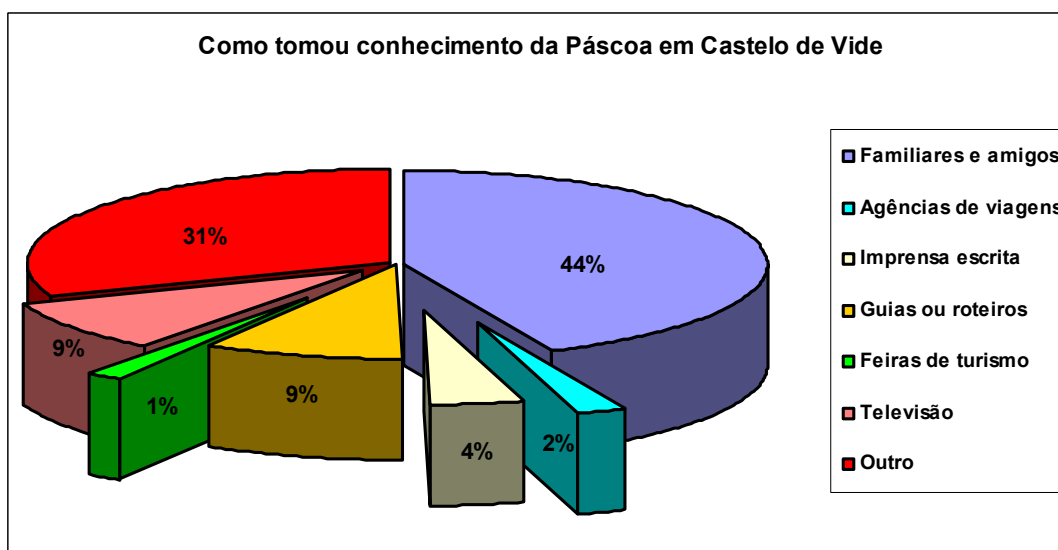


Gráfico 12 – Forma de conhecimento da Páscoa de Castelo de Vide

A maioria dos visitantes teve conhecimento da Páscoa através de familiares e amigos (62), seguindo-se a opção “outro” com 44 respostas (sendo a internet e a informação dada pela Fundação INATEL as formas mais referidas).

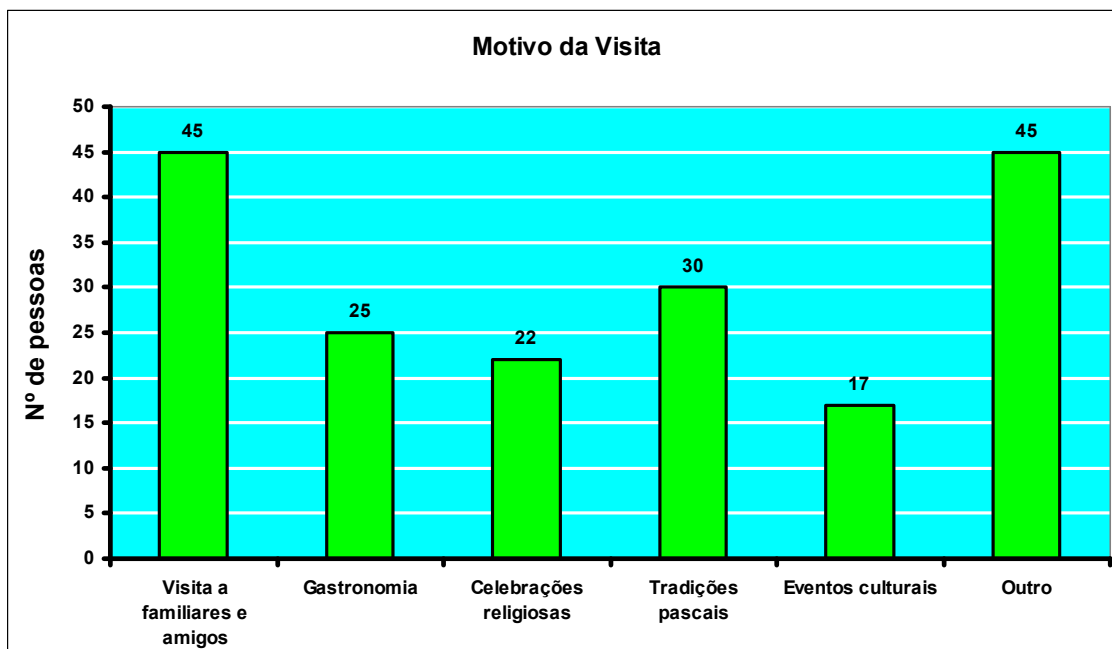
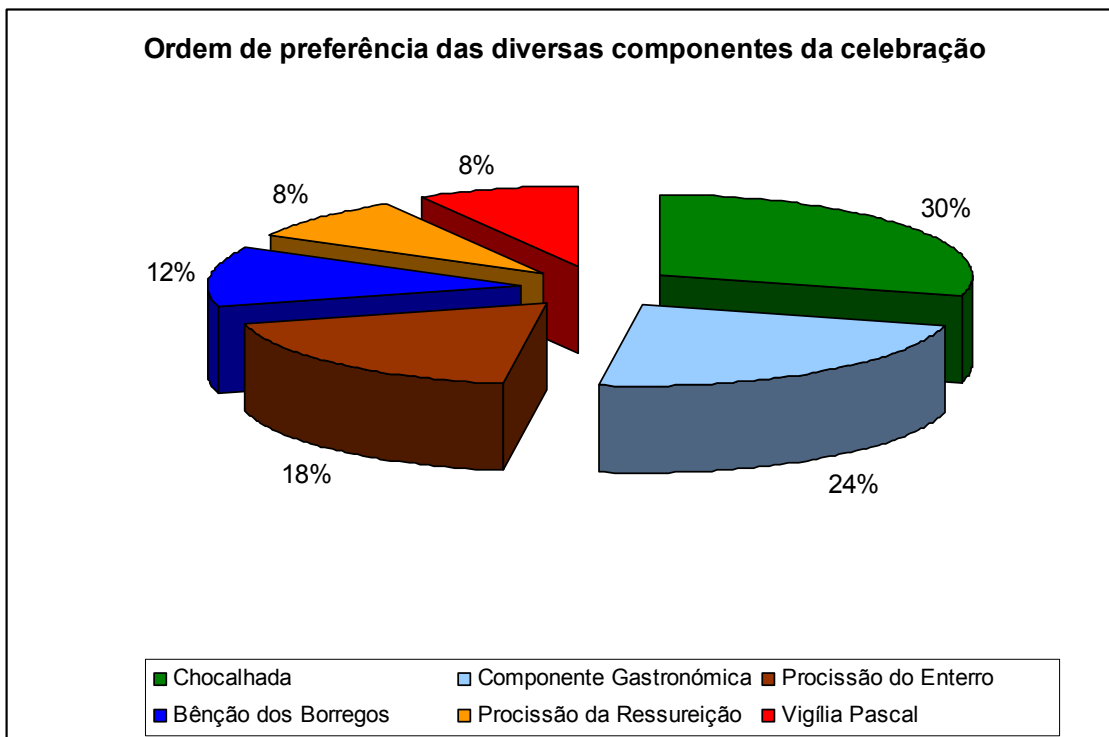


Gráfico 13 – Principal motivo da visita

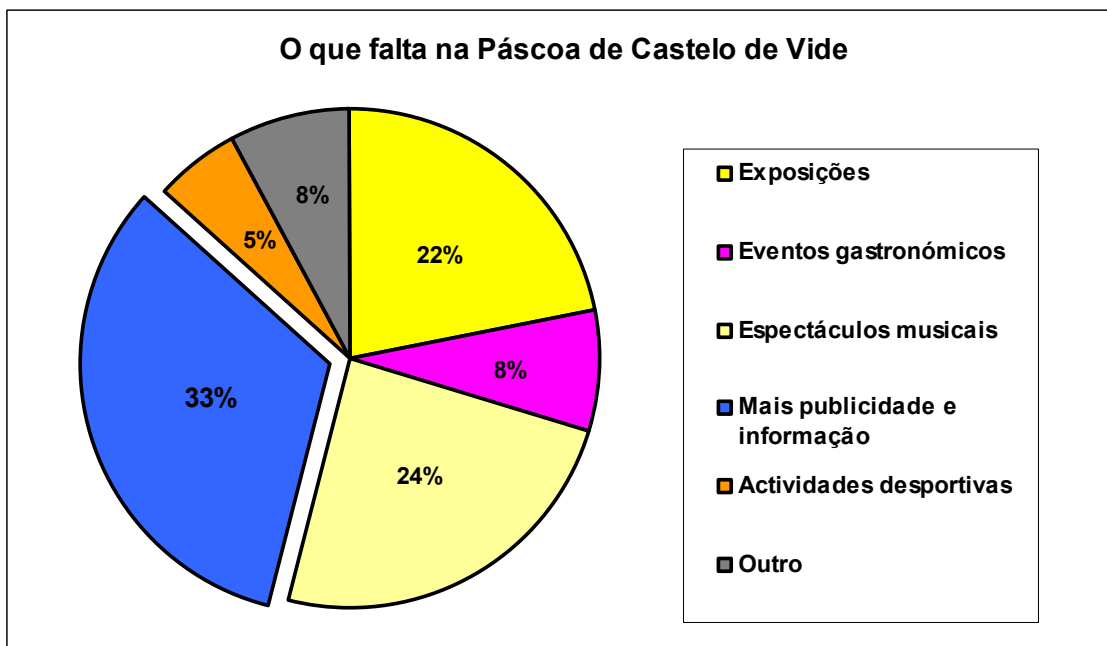
O principal motivo da visita, obteve com igual número de respostas (45), dois itens, a visita a familiares e amigos e outro motivo (sobretudo devido ao motivo de passeio), 30 inquiridos responderem que as tradições pascais foram a causa da sua deslocação a Castelo de Vide, seguindo-se a gastronomia com 25 respostas, as celebrações religiosas com 22 e por fim os eventos culturais com 17.





**Gráfico 14** – Ordem de preferência das diversas componentes da celebração

Quando se questionaram os inquiridos sobre a preferência sobre as diferentes componentes da celebração pascal, apenas aqueles que já conheciam a Páscoa de Castelo de Vide conseguiram responder a esta questão. No topo das preferências ficou a “Chocalhada”, com 38 respostas, seguindo-se a Componente Gastronómica, com 30, a Procissão do Enterro do Senhor, com 24, a Bênção dos Borregos, com 16, e em *ex quo*, a Procissão da Ressurreição e a Vigília Pascal.



**Gráfico 15** – O que falta à Páscoa de Castelo de Vide

Ao questionarem-se os visitantes sobre o que falta na Páscoa de Castelo de Vide, 42, responderam mais publicidade e informação, 31, espectáculos musicais, 28, exposições, 10, eventos gastronómicos e “outro” e 7 respostas para eventos desportivos.



**Gráfico 16** – Pretende voltar a Castelo de Vide durante a Páscoa

110 dos inquiridos pretendem voltar a Castelo de Vide durante a época pascal, enquanto que apenas 8 não o pretendem fazer.

A última questão do inquérito era de resposta livre, pedindo-se aos inquiridos sugestões para melhorar a celebração da Páscoa. A maioria não preencheu esta opção. Obtiveram-se as mais variadas sugestões: não é preciso melhorar nada, como deviam ser criados mais estacionamento; devia haver mais meios de transporte público para Castelo de Vide; os preços dos alojamentos deveriam ser mais baixos; deveria haver maior oferta de alojamento; devia-se fazer uma maior divulgação; e deviam criar-se mais eventos, sobretudo relacionados com o turismo de natureza, destacando-se os passeios pedestres.

Após a realização destes inquéritos pode-se estabelecer um perfil do turista que visita Castelo de Vide durante a época pascal. São sobretudo portugueses, na sua maioria mulheres, oriundos, na maioria da região de Lisboa, com idade compreendida entre os 26 e os 40 anos, viajam de carro acompanhados pela família, têm maioritariamente um nível educacional superior, um rendimento médio mensal compreendido entre os 1250€ e os 2500€ e permanecem 5 ou mais noites. Para a maioria dos inquiridos esta não foi a primeira Páscoa que passaram em Castelo de Vide e pretendem voltar, assumindo o “passa palavra” uma importância bastante relevante, uma vez que a maioria teve conhecimento o evento através de familiares ou amigos. O turista que visita Castelo de Vide durante a Páscoa, fá-lo para visitar familiares ou amigos, no entanto as respostas poderão não corresponder à realidade e a questão poderá estar mal formulada, uma vez que o turista visita os familiares e amigos por esta ser a época pascal. Outro motivo da visita é porque se encontra em passeio, uma vez que esta é uma época de férias e aproveita para conhecer o nosso país. A principal preferência nas diferentes componentes da celebração a “Chocalhada” e acha que o evento deveria ser mais divulgado.

## **5. Conclusão**

Foi bastante difícil elaborar esta dissertação dado que a bibliografia nesta temática é bastante escassa. A pouca que existe é bastante vaga, com poucas referências temporais e restrita apenas a alguns dias de celebrações. No entanto, por esta ser uma festa de família e ser tão importante para as gentes de Castelo de Vide, esta celebração está bem presente na memória dos mais antigos.

Muito pouco se alteraram as celebrações pascais em Castelo de Vide. Se estas tradições resistem é devido à cultura que se transmite de uma forma puramente sensorial de geração em geração.

A possível perda de fé por parte das pessoas, bem como a extinção de algumas Irmandades em Castelo de Vide, têm como consequência o desaparecimento de algumas celebrações religiosas que ocorriam durante a quadra pascal. Estas celebrações, que se foram perdendo com o passar do tempo, são certamente aquelas que menos participantes atraíam e também as menos singulares.

Com o encerramento ao culto das Igrejas de Santo Amaro e do Convento de São Francisco, todas as celebrações da Semana Santa se realizam na Igreja Matriz. Com o encerramento destas duas igrejas, perderam-se ao longo do tempo algumas manifestações de fé.

Apesar de, com o passar do tempo, existirem cada vez menos rebanhos nos campos e conseqüentemente na “Bênção dos Cordeiros”, existem sempre criadores a manter viva a tradição.

Anualmente é possível verificar que são cada vez mais os turistas e a sua envolvência nas celebrações. Muitos já têm o seu chocalho, que compraram propositadamente para a “Chocalhada”.

A Páscoa que em Castelo de Vide é vivida como o Natal, é uma festa da família, e é vista pelos castelovidenses com muito orgulho, sobretudo pelas suas tradições singulares.

Será difícil, senão mesmo impossível, recuperar as celebrações que já não se realizam, uma vez que não existem registos escritos destas celebrações e tendo já passado muitos anos deste o seu término, não é de todo viável voltar a realizá-las.

A Quaresma e a Semana Santa são celebradas um pouco por todo o país, repetindo-se as procissões do Domingo de Ramos e do Enterro do Senhor em inúmeros locais. São no entanto as celebrações da “Chocalhada” e da Procissão da Ressurreição, conjuntamente com a gastronomia pascal que tornam única a Páscoa de Castelo de Vide.

Muitas das celebrações pascais não coincidem temporalmente com a sucessão de acontecimentos da Páscoa de Jesus, algumas já sofreram adaptações para melhor se ajustarem à realidade, enquanto outras sofreram alterações para que mais gente possa participar nelas. Estas adaptações foram um mal necessário, para que a Páscoa de Castelo de Vide se tornasse no fenómeno turístico que é hoje.

As celebrações pascais são por si só motivo de atracção de turistas a Castelo de Vide, existindo no entanto, a necessidade de se continuar a apostar em actividades culturais e desportivas que complementem e aumentem a sua estada.

Existe uma envolvimento de todas as associações e colectividades em todas as procissões. Já não são os irmãos das confrarias que transportam os andores com as suas opas roxas, mas sim os bombeiros ou os elementos do rancho folclórico local. Uma imagem que pode chocar, mas a Páscoa de Castelo de Vide é isso mesmo, uma mistura entre o sagrado e o profano, que conjugam na perfeição.

Ao iniciar esta investigação, foram definidos alguns objectivos. Ao terminar este trabalho, é necessário perceber se os mesmos foram ou não atingidos.

O primeiro objectivo proposto foi identificar o que torna a Páscoa de Castelo de Vide única. Após toda a investigação, pode-se concluir que a Páscoa de Castelo de Vide é única devido às celebrações da “bênção dos cordeiros”, da “chocalhada” e da “Procissão da Ressurreição”, da gastronomia e da fusão entre o sagrado e o profano.

O segundo objectivo foi de compreender como a singularidade da sua tradição a transformou num produto turístico. O facto de uma tradição ser singular, por si só é motivo de atractividade. A Páscoa de Castelo de Vide contempla um conjunto de várias celebrações, em que algumas são possivelmente exclusivas desta região, aliado ao facto de existir a possibilidade

do visitante / turista além de assistir, poder participar em algumas tradições, tornou esta tradição num produto turístico. No entanto, para que este fenómeno pudesse ter mais participantes, alguns dos eventos sofreram alterações horárias.

Verificar junto dos visitantes os atributos que contribuem para a sua atractividade foi o terceiro objectivo. Os visitantes consideram que a “chocalhada” e a componente gastronómica são os principais motivos da visita. No entanto, para contribuir para uma maior atractividade deveria existir mais divulgação e eventos complementares, como espectáculos musicais e exposições.

O último objectivo visa propor medidas para salvaguardar a Páscoa de Castelo de Vide. Para que a Páscoa de Castelo de Vide não perca a sua autenticidade será necessário continuar a investigar a sua história, incluindo a publicação de estudos sobre este evento. Seria também fundamental criar uma comissão científica. Uma outra medida importante seria a de organizar uma exposição histórico-cultural durante a Semana Santa, que permitisse ao turista/visitante conhecer a história e a tradição da Páscoa de Castelo de Vide. A exposição dos estandartes que desfilam na Procissão da Ressurreição, que já tem sido realizada, também deveria estar patente nesta época. Por último, a organização do evento deveria ser da responsabilidade da Comissão Científica, da Câmara Municipal de Castelo de Vide, da Paróquia e incluindo a participação da comunidade judaica.

Enquanto medidas tendentes a incrementar a atractividade deste evento deveria existir mais publicidade, nomeadamente com pequenos anúncios televisivos, de modo a existir uma maior divulgação. Será necessária uma maior qualidade da fruição cultural, incluindo exposições citadas anteriormente e a criação de um desdobrável sobre a história da Páscoa. Durante a Semana Santa, seria também pertinente a realização de palestras sobre a Páscoa, a cargo de especialistas sobre a matéria.

## **Índice de Tabelas**

<b>Tabela Nº</b>		<b>Página</b>
1	Número de visitantes no posto de turismo no ano de 2005	41
2	Número de visitantes no posto de turismo no ano de 2006	42
3	Número de visitantes no posto de turismo no ano de 2007	42
4	Número de visitantes no posto de turismo no ano de 2008	43
5	Número de visitantes no posto de turismo no ano de 2009	43
6	Número de visitantes no posto de turismo no ano de 2010	44
7	Número de visitantes no posto de turismo no ano de 2011	44
8	Número de visitantes no posto de turismo no ano de 2012	45
9	Práticas e celebrações na primeira metade do século XX e a actualidade	71
10	A gastronomia na primeira metade do século XX e a actualidade	73

## **Índice de figuras**

<b>Figura Nº</b>		<b>Página</b>
1	Nota Circular	16
2	Vista geral de Castelo de Vide	38
3	Matracas	51
4	Passos de Castelo de Vide	55
5	Colchas à janela	56
6	Senhor dos Passos	57
7	Bandeiras de Procissão	57
8	Nossa Senhora e São João Evangelista	58
9	Saída do Calvário da Procissão do Enterro do Senhor	62
10	Procissão do Enterro do Senhor – Nossa Senhora da Soledade	63
11	Procissão do Enterro do Senhor – Senhor Morto no Esquife	63
12	Bênção dos cordeiros	64
13	Celebração da Aleluia na Matriz	65
14	Chocalhada	65
15	Procissão da Ressurreição – Cavalos da GNR	66
16	Procissão da Ressurreição – Bombeiros Voluntários	67
17	Procissão da Ressurreição – Estandartes	67
18	Procissão da Ressurreição – Executivo camarário e entidades oficiais	68
19	Executivo camarário e entidades oficiais – Cumprimentos	68
20	Missa de Domingo de Páscoa	68
21	Festa da Senhora da Luz	69
22	Boleimas e bolos da massa com D. Elisa e D. Belmira	71
23	Sarapatel	72
24	Rua do Mestre Jorge (Judaiaria de Castelo de Vide)	77
25	Sinagoga de Castelo de Vide	78
26	Possível delimitação do Bairro Judeu de Castelo de Vide	79



	e localização da Sinagoga	
27	Venda dos cordeiros	80
28	Morte por degola	80
29	Sangue do cordeiro	81
30	Venda de peles	81
31	Imagens pertencentes à Procissão dos Santinhos	83

## **Índice de gráficos**

<b>Gráfico N°</b>		<b>Página</b>
1	Distribuição por faixas etárias	80
2	Distribuição por sexo	81
3	Distribuição por nacionalidades: Portugueses e Estrangeiros	82
4	Distribuição por nacionalidades estrangeiras	82
5	Distribuição residência por distritos (nacionais)	83
6	Nível Educacional	83
7	Com quem viaja	84
8	Rendimento médio mensal	84
9	Número de dormidas em Castelo de Vide	85
10	Meio de transporte utilizado	85
11	Primeira visita a Castelo de Vide durante a Páscoa	86
12	Forma de conhecimento da Páscoa de Castelo de Vide	86
13	Principal motivo da visita	87
14	Ordem de preferência das diversas componentes da celebração	88
15	O que falta na Páscoa de Castelo de Vide	89
16	Pretende voltar a Castelo de Vide durante a Páscoa	89

# **Anexos**

## Anexo I

### Inquérito

Este inquérito insere-se no âmbito da dissertação do Mestrado em Turismo da Universidade de Évora/Instituto Politécnico de Portalegre, da aluna Susana Cristina Dionísio Machado, com o tema “A Páscoa de Castelo de Vide: do fenómeno sociocultural ao produto turístico”

Com ele pretende-se averiguar o perfil do turista que visita Castelo de Vide durante a Páscoa, os seus conhecimentos sobre a mesma, as suas expectativas e as suas opiniões críticas.

Como tal, solicita-se a V. Ex.<sup>a</sup> que responda de forma sincera às seguintes questões, sendo que todos os dados que disponibilizar são de total confidencialidade.

Agradecemos desde já a atenção dispensada.

#### Elementos socioculturais e demográficos:

Idade:

<26  26 – 40  41 – 65  > 65

Sexo:

Masculino  Feminino

Nacionalidade: \_\_\_\_\_ Residência habitual (distrito) \_\_\_\_\_

Nível de escolaridade:

Primário  Básico  Secundário  Superior

Com quem viaja:

Com familiares  Com amigos  Sozinho

Rendimento médio mensal:

até 500€  de 500€ a 1250€  
 de 1250€ a 2500€  mais de 2500€

Número de dormidas em Castelo de Vide

1  2  3  4  5 ou mais

Meio de transporte utilizado:

Automóvel  Autocarro  Outro Qual \_\_\_\_\_

#### Características da visita:

É a primeira vez que visita Castelo de Vide durante a Páscoa?

Sim  Não

Como tomou conhecimento da Páscoa em Castelo de Vide:

Através de amigos ou familiares  Agência de viagens  Imprensa escrita  Guias ou roteiros turísticos  
 Feiras de turismo  Televisão  Outro Qual \_\_\_\_\_

Principal motivo da visita:

Tradicional visita a familiares e amigos  Gastronomia  Celebrações religiosas  
 Tradições pascoais  Outros eventos culturais  Outro Qual \_\_\_\_\_

Ordene por ordem de preferência (de 1 a 6), as diversas componentes da celebração:

Procissão do Enterro do Senhor  Bênção dos borregos  “Chocalhada”  Procissão da Ressurreição  
 Vigília Pascal  Componente gastronómica

O que acha que falta à Páscoa de Castelo de Vide:

Exposições interpretativas sobre a Páscoa em Castelo de Vide  Eventos gastronómicos  
 Espectáculos musicais adequados  Mais publicidade e mais informação ao visitante  
 Actividades desportivas  Outro Qual \_\_\_\_\_

Pretende voltar a Castelo de Vide na Quadra Pascal?

Sim  Não

O que poderia contribuir para melhorar a Páscoa em Castelo de Vide?

---

Obrigada pela sua colaboração

## Bibliografia

- ✓ ALEXANDRE, Maria da Guadalupe Transmontano - *Etnografia, Linguagem e Folclore de Castelo de Vide*, Edição da Junta Distrital de Portalegre, Portalegre, 1976.
- ✓ ALMANAQUE – *GUIA DE TURISMO*, Edições Turismo, Ano 1º, Lisboa, 1943.
- ✓ AZEVEDO, J. Lúcio – *História dos Cristãos-Novos Portugueses*, Livraria Clássica Editora, 2ª Edição, Lisboa, 1975.
- ✓ AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.) - *História Religiosa de Portugal*, vol. 1, *Formação e Limites da Cristandade*, coord. Ana Maria C. M. Jorge e Ana Maria S. A. Rodrigues , Círculo de Leitores, Lisboa, 2000.
- ✓ BALESTEROS, Carmen e OLIVEIRA, Jorge de – “ A Judiaria e a Sinagoga de Castelo de Vide” *in* Ibn Maruañ, n.º 3, 1993.
- ✓ BARNAVI, Élie - *História Universal dos Judeus. Da génese ao fim do século XX*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1998.
- ✓ BARROS, Jorge e Costa, Soledade Martinho - *Festas e Tradições Portuguesas*, Círculo de Leitores, Rio de Mouro 2002.
- ✓ BÍBLIA SAGRADA - *Nova Edição Papal*, Tradução dos Missionários Capuchinhos de Lisboa, C. D. Stampley Enterprises, Inc., Charlotte, North Carolina, U.S.A, 1974
- ✓ CANELO, David Augusto – *O Resgate dos Marranos Portugueses*. Belmonte: Ed. David Augusto Canelo, 1996.
- ✓ CATANA, António; FERREIRA, Hélder – *Mistérios da Páscoa em Idanha*, Ésquilo, Lisboa, 2004.

- ✓ COSTA, Jorge; RITA, Paulo; ÁGUAS, Paulo, *Tendências internacionais em turismo*, 2ª edição, Lidel Lisboa, 2004.
- ✓ CLUZEAU, Claude Origet du – *Le tourisme culturel*, Presses Universitaires de France, 3ª Edição, Paris, 1998.
- ✓ CUNHA, Licínio - *Economia e Política do Turismo*, Editorial Verbo, Lisboa, 1997.
- ✓ CUNHA, Licínio - *Introdução ao Turismo*, Editorial Verbo, Lisboa, 2001.
- ✓ ELIADE, Mircea – *O Sagrado e o Profano – A Essência das Religiões*, Edição Livros do Brasil, Lisboa, 2006.
- ✓ FERRO, Maria José Pimenta – *Os Judeus em Portugal no século XIV*, Guimarães ed., Lisboa, 1979.
- ✓ FORTUNA, Carlos - *As cidades e as identidades: narrativas, patrimônios e memórias. Cultura e Economia*, nº. 4, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, 1994.
- ✓ GIBSON, Shimon – *Jesus - Os Últimos Dias*, Casa das Letras, Alfragide, 2009.
- ✓ GORDO, João António - *No Alto Alentejo, Crónicas e Narrativas*, Oficinas Gráficas da Papelaria Fernandes, Lisboa, 1954.
- ✓ GORDO, João António – *Terra Alta: Antologia de Castelo de Vide*, Ottosgráfica, Lisboa, 1935.
- ✓ GUERREIRO, Manuel Viegas – *Povo, Povos e Culturas: Portugal, Angola e Moçambique*, Colibri, Lisboa, 1997.

- ✓ HENRIQUES, Cláudia – *Turismo, Cidade e Cultura, Planeamento e Gestão Sustentável*, Edições Sílabo, Lisboa, 2003.
- ✓ HERTZBERG, Arthur – *As Grandes Religiões do Mundo, Judaísmo*, Volume 5, Editorial Verbo, Lisboa, 1981.
- ✓ HILL, Manuela Magalhães; HILL, Andrew – *Investigação por Questionário*, 2ª Edição, Edições Sílabo, Lisboa, 2005.
- ✓ ICOMOS - *Carta de Itinerarios Culturales*, 16ª AG, Québec (Canada), 4 de outubro, 2008.
- ✓ ICOMOS - *Documento de Nara sobre a autenticidade*, Icomos, Nara, 1994.
- ✓ ICOMOS - *Cultural Tourism Charter*, ICOMOS, Paris, 1976.
- ✓ IGNARRA, Luiz Renato. *Fundamentos do Turismo*, 2ª Edição, Ed. Pioneira Thomson Learning, São Paulo, 2003.
- ✓ INSKEEP, Edward - *Tourism planning: An Integrated and Sustainable Development Approach*, Ed. Van Nostrand Reinhold, New York. 1991.
- ✓ LAROUSSE, Nova Enciclopédia – Círculo de Leitores – Vol. 15 e 17, 1998.
- ✓ LEW, Alan A.; HALL, C. Michael; WILLIAMS, Allan M. – *Compêndio de Turismo*, Instituto Piaget, Lisboa, 2004.
- ✓ MARTINS, Jorge – *Portugal e os Judeus*, Volume I e II, Nova Veja, Lisboa, 2006.
- ✓ MODESTO, Maria de Lourdes *et alteri* - *Festas e Comereres do Povo Português*, Volume II, Editorial Verbo, Lisboa, 1999.



- ✓ MOTA, Fernando – *Simbologia e tradições da Semana Santa*, Santa Casa da Misericórdia, Lamego, 2007.
- ✓ MURPHY, Peter; *Tourism a Community Approach*, New York, Routledge, 1985.
- ✓ MUCZNIK, Lúcia Liba; TAVIM, José Alberto da Silva; MUCZNIK, Ester - *Dicionário do Judaísmo Português*, Editorial Presença, Lisboa, 2009.
- ✓ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de – *Festividades Cíclicas em Portugal*, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1984.
- ✓ *Operação Integrada de Desenvolvimento Alentejano*, Ministério do Planeamento e da Administração do Território, Comissão de Coordenação da Região Alentejo, Évora, 1988.
- ✓ QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van - *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 2ª ed., Lisboa, Gradiva, 1998.
- ✓ RAMOS, Francisco Martins – *Breviário Alentejano*, Edições Caledoscópio, Casal de Cambra, 2006.
- ✓ REPENICADO, António Vicente Raposo – “Da Notável Vila de Castelo de Vide, Apontamentos”, in Separata do jornal *Terra Alta*, Castelo de Vide, 1969.
- ✓ REPENICADO, António Vicente Raposo, *Relação de Sucessos Históricos, Notícias e Acontecimentos Políticos, Administrativos, Sociais e outros da Notável Vila de Castelo de Vide*, Março de 1965.
- ✓ RICHARDS, G. - *Cultural Tourism in Europe*, ATLAS, Cabi, Wallingford, 1996.
- ✓ SANTOS, Figueiredo – *Turismo, Mosaico de Sonhos – Incursões Sociológicas pela Cultura Turística*, Edições Colibri, Lisboa, 2002.

- ✓ SCLIAR, Moacyr – *Judaísmo: Dispersão e Unidade*, Edições Cotovia, Lisboa, 2010.
- ✓ STEINHARDT, Inácio – *Raízes dos Judeus em Portugal – Entre Godos e Sarracenos*, Nova Vega, Lisboa, 2012.
- ✓ TRANSMONTANO - Maria Tavares, *Os Transmontanos no Alentejo*, Gráfica Guedelha, Câmara Municipal de Castelo de Vide, 1998.
- ✓ TRINDADE, Diamantino Sanches – *Castelo de Vide, Subsídios para o estudo da Arqueologia Medieval*, Assembleia Distrital de Portalegre, Lisboa, 1979.
- ✓ UNTERMAN, Alan – *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992.
- ✓ VARELA, Miguel Ángel – *Celebremos a Páscoa e o Pentecostes: personagens, símbolos, celebrações, temas de reflexão*, Apelação, 2001.
- ✓ VARILLON, François – *A Páscoa de Jesus: Viver o Evangelho III*, Editorial A.O., Braga, 2007.
- ✓ VIDEIRA, César – *Memória Histórica da Muito Notável Vila de Castelo de Vide*, Edições Colibri e CIDEHUS – EU, 3ª Edição, Lisboa, Maio de 2008.
- ✓ WALKER, Peter – *Nas Pegadas de Jesus*, Paulinas Editora, Prior-o-Velho, 2009.
- ✓ WILKE, Carsten L. – *História dos Judeus Portugueses*, Edições 70, Lisboa, 2009.
- ✓ WORLD TOURISM ORGANISATION - *Tourism highlights 2007*, UNWTO, Madrid, 2008.

## **Legislação**

Lei n.º 107/01 de 8 de Setembro

Decreto-Lei n.º 39/2008 de 7 de Março

## **Outros documentos:**

- ✓ FRAUVEL, Juliette, "La Semaine Sainte a Castelo de Vide- Sur les chemins d'une identité marrane", Tese de Mestrado, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, 1994.
  
- ✓ UNESCO – *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*, Paris, UNESCO, 2003. Consultado a 29 de Setembro de 2009, em:  
[http://www.unesco.org/pv\\_obj\\_cache/pv\\_obj\\_id\\_621F0D7E2E0567002EBA2662FA3777BF50170100/filename/00009-PT-Portugal-PDF.pdf](http://www.unesco.org/pv_obj_cache/pv_obj_id_621F0D7E2E0567002EBA2662FA3777BF50170100/filename/00009-PT-Portugal-PDF.pdf)